

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Pedro Henrique da Silva Heim

EU FICO INDIGNADO

O escândalo do Mensalão através do "Café com o Presidente"

Porto Alegre

2018

Pedro Henrique da Silva Heim

EU FICO INDIGNADO

O escândalo do Mensalão através do "Café com o Presidente"

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito para obtenção do título de Bacharel em História pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Brandalise

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Heim, Pedro Henrique da Silva
EU FICO INDIGNADO - O escândalo do Mensalão através
do "Café com o Presidente" / Pedro Henrique da Silva
Heim. -- 2018.
47 f.
Orientadora: Carla Brandalise.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. História do Tempo Presente. 2. rádio. 3. Lula.
4. Mensalão. I. Brandalise, Carla, orient. II.
Título.

AGRADECIMENTOS

Distribuo meus abraços agradecidos a todos. À Brandalise, pelo apoio. À banca, pela disponibilidade. À mãe, pela vida. Ao pai, pela amizade. Ao Lucas, pelos papos. À Ita, pelo carinho. À vó, pelos bolos. Ao vô, pela cerveja. Aos tios, primos e agregados, pelos domingos. Aos de São Leopoldo, pelas jantas. À Isa, pelas corridas. Ao Igor, pela Parceria no trem. Ao Chico, pelas brigas na Cancha. Ao Everton, pelo Churrasco sem videogame. Ao Colono, pelas insolações no Uruguai. Ao Júlio, pelas mostardas voadoras do Cavanhas. Ao Rodrigo, pelos consertos do apê. Ao Toreti, pelos eventos de rua aleatórios. Ao Jean, pelas cachoeiras de esgoto. Ao Cunha, pelo suco de salsicha. Ao Giordano, pelas duas décadas de migués. Ao Walti, pelas avalanches. Ao Marcelo, pelas ótimas piadas. Ao Lucas Machado, pelas madrugadas na praia. Ao pessoal do NAP, pelos almoços de uma hora. Aos colegas do fundão, pelas longas manhãs compartilhadas. Aos novos e antigos do POSGEA, pela receptividade. À Laura, por ajudar um desconhecido. Ao Jaderson, pela terapia diária. À Luna, pelos fins de tarde de sexta. À Inês e ao Si, pela instantânea confiança. À Marina, por me ensinar tanto. Ao Liberato, por tudo. Ao Grêmio, pelas derrotas formadoras de caráter. A Esteio, pelo exílio. Ao Araçá, pela paz.

Se o PT reconquistar o poder político - ou mesmo se não chegar lá, de uma forma ou de outra -, uma grande tarefa que deve enfrentar é de estabelecer uma espécie de comissão da verdade para olhar com honestidade para o que ocorreu. Olhar com franqueza para as oportunidades que perderam. Isso teria um grande significado.

Eles tiveram tremendas oportunidades. Algumas foram usadas em benefício da população, outras foram perdidas. É preciso perguntar por que isso ocorreu, e fazer isso publicamente. E realizar reformas internas que impeçam que aconteça outra vez. Isso deveria ser feito independentemente de chegarem ao poder.

Noam Chomsky

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar como o ex-Presidente Lula e sua equipe procuraram tratar o Mensalão nos meios oficiais do governo, na época em que o escândalo de corrupção veio à público e passou a dominar as atenções da imprensa nacional. Para tentar descobrir de que maneira o tema foi publicizado, quais abordagens ocorreram e quais deixaram de acontecer, quais episódios foram mencionados e quais foram omitidos, foi pesquisado o acervo digitalizado referente às transcrições do “Café com o Presidente”. Programa radiofônico periódico utilizado pela gestão petista como propaganda governamental, é a sua mudança de enfoque, durante os meses de crise política, que será tratada nesta monografia. Como forma de contextualizar e situar cronologicamente os acontecimentos e respectivas estratégias midiáticas adotadas, foram utilizadas as digitalizações das edições contemporâneas do jornal “*Folha de São Paulo*”, bem como da revista “*Carta Capital*”, em uma tentativa de compreender como a sociedade brasileira estava sendo informada a respeito do assunto.

Palavras-chave: História do Tempo Presente; rádio; Lula; Mensalão.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how former President Lula and his team tried to treat the Mensalão in official government media, at a time when the corruption scandal came to the public and came to dominate the attention of the national press. To try to find out how the theme was publicized, which approaches occurred and which ones did not happen, which episodes were mentioned and which were omitted, the digitized collection related to the "Café com o Presidente" transcripts was searched. Periodic radio program used by PT management as government propaganda, is its change of focus, during the months of political crisis, which will be treated in this monograph. As a way of contextualizing and situating chronologically the events and respective media strategies adopted, the scans of the contemporary editions of the "*Folha de São Paulo*" newspaper and the "*Carta Capital*" magazine were used in an attempt to understand how Brazilian society was being informed about the matter.

Keywords: History of the Present; radio; Lula; Mensalão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 “BOM DIA AOS OUVINTES DO ‘CAFÉ COM O PRESIDENTE’”	14
2.1 “Pai de cinco filhos”	14
2.2 “Quero pedir desculpa pela eloquência”	17
3 “EU FICO INDIGNADO”	23
3.1 "Da corrupção se extrai o dinheiro que poderia estar ajudando a desenvolver este país"	23
3.2 "Essa indignação já foi transformada em gesto prático desde o primeiro dia"	27
3.3 "E vai continuar sendo"	33
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
5 REFERÊNCIAS	39
5.1 Fontes	39
5.1.1 Transcrições do “Café com o Presidente”	39
5.1.2 Edições digitalizadas da " <i>Folha de São Paulo</i> "	39
5.1.3 Edições digitalizadas da " <i>Carta Capital</i> "	40
5.1.4 Outros documentos	41
5.2 Bibliografia	44

1 INTRODUÇÃO

Em abril de 2018, o Brasil parava. Novamente. Em mais um episódio da larga sequência de acontecimentos políticos que sacudiam o país desde junho de 2013¹, as atenções de todo o país voltaram-se para a cidade de São Bernardo do Campo, onde o ex-presidente da República Luís Inácio Lula da Silva era preso em operação da Polícia Federal². Um dos mais populares e importantes mandatários brasileiros de todos os tempos, o maior líder petista era finalmente alcançado pela Operação Lava Jato³, após anos de tensa expectativa e a alguns meses da (cada vez mais) imprevisível eleição presidencial. Esse desfecho, apesar de ter se tornado mais provável ao longo do tempo, à medida em que o julgamento transitava em suas diversas instâncias e respectivos recursos, não deixou de trazer um certo ar de perplexidade àqueles que acompanharam a grande cobertura realizada pela imprensa nacional naquele sábado de outono.

Afinal, treze anos antes, não soaria estranho cogitar que, antes do final de 2005, Lula voltaria a ser preso, assim como fora durante a Ditadura Militar. O mês era junho, e o governo do Partido dos Trabalhadores sofria seu mais grave revés desde a posse, com a bombástica entrevista de Roberto Jefferson⁴. O deputado federal, irritado por ver seu nome envolvido em denúncias de corrupção, havia resolvido revelar o esquema de compra de votos coordenado pelo governo do pernambucano, que pagaria “mensalões” a deputados da base aliada em troca de apoio em votações de projetos considerados estratégicos pela cúpula do PT. Imediatamente fustigado por intermináveis protestos e críticas da oposição, da mídia, de setores da sociedade e de grupos de seu próprio partido, Lula viveria naqueles meses os piores momentos como ocupante do mais importante cargo do país, ocupado há pouco mais de dois anos pelo político e ex-líder sindical.

¹ Mês em que ocorreram as "Jornadas de Junho", sequência de manifestações populares de larga escala que tomaram as principais cidades do país durante algumas semanas. Originalmente organizadas para protestar contra os aumentos nas tarifas do transporte público, logo cresceram em adesão e pluralidade de pautas. Cf. O QUE foram, afinal, as Jornadas de Junho de 2013. E no que elas deram. Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram> >. Acesso em: 20 set. 18.

² Lula se entrega à PF e é preso para cumprir pena por corrupção e lavagem de dinheiro. *GI*. 07 abr. 18. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/lula-se-entrega-a-pf-para-cumprir-pena-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml> >. Acesso em: 14 set. 18.

³ Investigação que começa no início de 2014, a Operação Lava Jato apura esquemas de lavagem de dinheiro e corrupção envolvendo a Petrobras, grandes empreiteiras e políticos brasileiros, estando ainda vigente. Cf. PARA O Cidadão. Disponível em: < <http://www.mpf.mp.br/para-o-cidadao/caso-lava-jato> >. Acesso em: 24 set. 18.

⁴ Presidente nacional do Partido Trabalhista Brasileiro, o deputado federal eleito pelo Rio de Janeiro havia concedido, em junho de 2005, polêmica entrevista ao jornal Folha de São Paulo, onde revelava esquema de compra de votos mantido pelo governo petista. Cf. ROBERTO JEFFERSON Monteiro Francisco. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/roberto-jefferson-monteiro-francisco> >. Acesso em: 19 set. 18.

Até esse momento, a gestão do nordestino, apesar de enfrentar algumas crises de relativa importância (como aquela que deu origem ao PSOL⁵), havia conseguido driblar as desconfianças de amplos setores do mercado e da sociedade e levar adiante partes importantes de seu programa de governo. Mesmo no início do ano de 2005, com investigações ocorrendo a respeito de algumas suspeitas de corrupção, Luís Inácio Lula da Silva e sua equipe conseguiram evitar maiores problemas e governavam com alguma tranquilidade, emplacando vitórias no Congresso e obtendo bons resultados na economia. Uma prova disso são as edições do programa de rádio “Café com o Presidente” que foram ao ar na época, abrangendo principalmente propaganda de programas e obras levadas adiante pelos comandantes do país, padrão de abordagem que se manteve estável até o momento da eclosão do escândalo do Mensalão.

Essa mudança de estratégia midiática, após longo período de estabilidade no formato do programa, é o foco deste Trabalho de Conclusão de Curso. Esta pesquisa pretendeu analisar como, a partir das denúncias de Jefferson (e enquanto durou a crise), “O Café com o Presidente” teve parte fundamental de seu cerne alterado, tornando-se um instrumento governamental de resposta e reação ante o “terremoto político” causado pelas acusações contra o partido no poder e veiculando um discurso defensivo por parte da cúpula petista, que viu nele uma ferramenta importante para aquele momento de instabilidade. O método escolhido para essa tarefa estrutura-se a partir de uma análise do conteúdo daquilo que foi divulgado pelo programa ao público, baseando-se em uma investigação qualitativa a respeito da “presença ou ausência de uma dada característica de conteúdo ou conjunto de características num determinado fragmento da mensagem” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 682), em conjunto com a constante comparação com a cobertura realizadas pelos meios privados.

Dessa forma, procurou-se atentar para as decisões realizadas pela produção do programa radiofônico: as temáticas escolhidas para serem abordadas; os silêncios e omissões referentes a revelações que eram amplamente repercutidas em outros meios; as formas e vieses através dos quais certos episódios eram tratados; o tempo de reação que decorria entre o surgimento de uma polêmica e sua “resposta”; a atenção dada a determinado aspecto do acontecimento, em detrimento de outros; as tentativas de emplacar uma agenda que acabasse

⁵ Partido Socialismo e Liberdade, surgiu após a expulsão de parlamentares do PT, cujo Diretório Nacional considerava inaceitável a oposição interna a propostas apoiadas pelo governo, como a Reforma de Previdência de 2003. Cf. PARTIDO SOCIALISMO e Liberdade (PSOL). Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbeta-tematico/partido-socialismo-e-liberdade-psol> >. Acesso em 19 set. 18.

por ofuscar as denúncias. Assim, consciente de todas as limitações inerentes aos prazos que envolvem um Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, foi realizada este esforço de, através do destaque das presenças e ausências percebidas no roteiro do "Café com o Presidente", pensar a respeito da estratégia midiática escolhida por Lula e seus assessores para abordar o Mensalão.

Para isso, foram tomadas como fontes as transcrições completas de treze edições do programa de rádio supracitado, em esforço que buscou identificar elementos centrais da estratégia midiática adotada pela equipe do então presidente durante aqueles turbulentos meses de meados de 2005. Esse conjunto de transcrições específico foi determinado de modo a possibilitar um recorte temporal que viesse a abranger o período entre os meses de maio e setembro daquele ano, contemplando desde as semanas antecedentes ao escândalo até o momento de aparente reestabilização política, passando por todos os episódios centrais da crise enfrentada pelo governo. Estes documentos, bem como aqueles referentes ao restante das edições que foram ao ar entre 2003 e 2010, encontram-se disponíveis no site mantido pela Biblioteca da Presidência da República, oferecidos ao público para download de forma gratuita e livre, em formato *pdf*.

Para situar as falas de Lula ao longo do tempo, subsidiando historicamente a tentativa de reconstruir e explicar o contexto de suas emissões, foram utilizados como apoio exemplares da “*Folha de São Paulo*” e da “*Carta Capital*” da época. Em virtude da escassez bibliográfica a respeito do período, tendo em vista os poucos anos decorridos desde os acontecimentos estudados, a escolha pela utilização do periódico paulista e da revista de circulação nacional foi a forma encontrada para melhor compreender o período no qual o programa de rádio foi ao ar. Esse segundo conjunto de fontes contribui ao trabalho na medida em que torna possível acompanhar a repercussão do escândalo pela imprensa não governamental (aqui representada por duas das mais importantes publicações brasileiras) durante as sucessivas semanas de crise.

A “*Folha de São Paulo*”, pertencente ao Grupo Folha, é um dos mais importantes e renomados periódicos do país, tendo surgido em 1960. Neste ano, a tradicional “*Folha da Noite*”, fundada em 1921, foi fundida aos jornais “*Folha da Manhã*” e “*Folha da Tarde*”, dando origem à publicação em questão⁶, "o jornal de maior circulação em todo o país" (DARDE, 2006, p. 75). De forma autodeclarada, "mantém uma perspectiva liberal diante da

⁶ CONHEÇA O Grupo Folha. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/institucional/> >. Acesso em: 12 set. 18.

economia, da política e dos costumes. Reitera que procura praticar um jornalismo crítico, apartidário e pluralista"⁷. Já a revista "*Carta Capital*", de caráter semanal, foi criada em 1994 pelo jornalista Mino Carta, nascido na Itália e também fundador da "*Veja*". Produzida pela Editora Confiança⁸ objetivando circulação nacional, é marcada por sua "orientação política mais à esquerda, [...] com prevalência de temas críticos à pobreza e desigualdades sociais" (MARIA, 2012, p. 81).

Apesar das diferenças em termos de formato e periodicidade, estas publicações foram escolhidas em conjunto em uma tentativa de construir um equilíbrio entre as versões dos fatos de cada uma delas, tendo em vista seu posicionamento político diverso. Assim, apesar das citações à "*Folha de São Paulo*" estarem presentes em maior número no texto que segue (característica devida à larga vantagem quantitativa em termos de produção de conteúdo, tomando-se um jornal diário frente a uma revista semanal), ao longo do trabalho há a presença constante dos excertos retirados de edições da "*Carta Capital*". Nos dois casos, os exemplares foram obtidos online, em plataformas próprias de disponibilização de antigos números, e sua utilização também serviu para demonstrar a forma como grande parte da sociedade brasileira estava sendo informada, e assim, melhor entender as decisões tomadas pela equipe de comunicação do governo petista. Outra fração importante desta compreensão se deu a partir da percepção de que

a Comunicação Política possui características que provocam mudanças no relacionamento entre políticos, governos, mídia e público. Uma dessas características envolve o reconhecimento da entrada da mídia no processo político e a incorporação de novas estratégias centradas na mídia, na política e no governo. (DEUS, 2005, p. 25)

Já Vera Chaia (2004, p. 9), a respeito do campo de estudos citado, destaca que ele “envolve o espaço em que se inter-relacionam os discursos contraditórios dos atores que possuem legitimidade para expressarem publicamente sobre política, no caso os políticos, os jornalistas e a opinião pública através das pesquisas”. A marcante relação entre mídia e política também foi observada sob o ponto de vista de sua construção, já que não se pode esquecer que

várias condições relacionadas com as transformações de atividade midiática pré configuram as formas através dos quais o discurso político é produzido, valendo

⁷ PROJETO EDITORIAL 2017. Disponível em: < <http://temas.folha.uol.com.br/projeto-editorial-da-folha/projeto-editorial-2017/introducao.shtml> >. Acesso em: 09 nov. 18.

⁸ MANIFESTO. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital> >. Acesso em: 12 set. 18.

dizer que as suas gramáticas de produção e de funcionamento sofrem as repercussões e/ou “constrangimentos” do dispositivo de enunciação que cuida da sua estruturação e do seu anúncio. (NETO, 2004, p. 114)

Aliás, é a partir desta reflexão inicial que se partiu para a estruturação do trabalho em cima de outra intersecção, aquela composta por História e Comunicação, onde mostrou-se fundamental “entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258). Porém, as dificuldades e obstáculos que surgiram durante a elaboração deste trabalho foram superados, tendo em vista que “a importância crucial dos meios de comunicação na atualidade faz da reflexão sobre a comunicação social um campo interdisciplinar estratégico para a compreensão da vida contemporânea” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 254).

No caso do rádio, esta necessidade mostrou-se ainda mais agravada, já que este meio de comunicação é “um objeto pouco presente nos estudos acadêmicos, principalmente na área de ciências humanas e no campo da história, apesar de ter sua importância largamente reconhecida” (CALABRE, 2005, p. 2-3). Para tentar suprir parte desta lacuna, este texto traz o rádio em destaque, sem nunca esquecer de seu caráter originário, como uma “tecnologia que surge, trazendo em si promessas, discursos, potencialidades, projetos, esquemas imaginários, implicações sociais e culturais” (BIANCO, 2004, p. 317), ao mesmo tempo em que ressalta que “é preciso compreender o rádio como um espaço de poder socialmente construído, como uma instituição construtora de realidade, através da legitimação da informação” (GUINDANI, 2014, p. 108-109).

Fechando o ciclo entre História, Comunicação e Política, mostrou-se importante notar também “a permanência do rádio enquanto meio de comunicação, capaz de servir a governos e governados, de fazer a mediação, de ser meio de ressonância das relações sociais e políticas, estabelecendo disputas de poder, de sedução e de novas formas de participação do cidadão” (DEUS, 2005, p. 8). A longevidade desta característica, aliás, acabou sendo destacada durante o trabalho, constituindo-se em parte fundamental deste escrito. Afinal, como escreveu Antoine Prost (2008, p. 96), a “questão do historiador é formulada do presente em relação ao passado, incidindo sobre as origens, evolução e itinerários no tempo”.

Se o passado é a base da análise histórica a ser exposta, a proximidade temporal do tema com a atualidade traz consigo a importância de se refletir sobre a História do Tempo Presente, que é “primeiramente e antes de tudo história” (BERNSTEIN; MILZA, 1999, p.

127). Tendência historiográfica com origens difusas, a HTP ganhou força com a “criação, em 1978, na França, do Instituto de História do Tempo Presente” (VICENTE, 2009, p. 75). Desde esse momento, tem derrubado críticas e se afirmado, a partir da percepção de que, “lejos de reducir se a un factor cronológico, la historia del tiempo presente funciona como un mecanismo de distanciamiento y como una forma de reconocimiento analítico capaz de replantear el significado de los tiempos históricos” (INCLÁN; VALERO, 2017, p.69). Não se pode negar a existência de certas peculiaridades e dificuldades inerentes à adoção dessa abordagem, mas é justamente essa especificidade que a torna tão valiosa e paradigmática, já que ela

centra su atención en la ubicación del presente del tiempo; presupone una organización conceptual y metodológica en el estudio del presente que rompe con la secuencialidad de la cronología, y su contenido en parte se desprende del tipo de organización social que caracteriza a nuestra contemporaneidad. La historia del tiempo presente es aquella que se interesa por inscribir el presente en las profundidades y espesuras del tiempo histórico. (FAZIO VENGOA, 2010, p. 50)

Se a proximidade temporal em relação a estes episódios pode dificultar a análise histórica da situação, por outro lado acaba por justificar este trabalho, provando que "a História do Tempo Presente responde também a um aumento da demanda social, uma vez que o historiador que é cada vez mais solicitado" (DOSSE, 2012, p. 15). Afinal, a decisão do Partido dos Trabalhadores de manter (pelo menos, publicamente) a candidatura ao Palácio do Planalto por parte do ex-presidente até o limite legal possível⁹, bem como a presença constante de Luís Inácio Lula da Silva nas propagandas políticas¹⁰, foi assunto constante durante todo o período eleitoral, acabando por demonstrar a flagrante importância deste personagem no cenário nacional contemporâneo (e, por consequência, a relevância social deste estudo).

Além disso, a própria decisão de, dentre os diversos tópicos possíveis na história política brasileira recente, abordar uma questão atualmente com grande repercussão social¹¹ acaba por cancelar a escolha do tema. Afinal, foi questão central nas eleições presidenciais

⁹ PT tem até esta terça para indicar substituto de Lula. *Exame*. 10 set. 18. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/brasil/pt-tem-ate-esta-terca-para-indicar-substituto-de-lula/> >. Acesso em: 15 set. 18.

¹⁰ Barroso determina retirada de Lula de propaganda sob pena de suspensão. *UOL*. 09 set. 18. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/09/retirada-lula-propaganda-eleitoral-pena-de-suspensao.htm> >. Acesso em: 15 set. 18.

¹¹ Corrupção é principal preocupação para 62% dos brasileiros, mas denúncias podem ser coadjuvantes. *O Globo*. 31 dez. 17. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/corruptao-principal-preocupacao-para-62-dos-brasileiros-mas-denuncias-podem-ser-coadjuvantes-22241432> >. Acesso em: 22 out. 18.

de 2018¹² a corrupção, "fenômeno pelo qual um funcionário público é levado a agir de modo diverso dos padrões normativos do sistema, favorecendo interesses particulares em troca de recompensas. [...] Corrupção significa transação ou troca entre quem corrompe e quem se deixa corromper" (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 291). Por fim, o enfoque trazido por este texto também possui relativa importância no campo historiográfico, já que, mesmo tendo sido trabalhado por algumas pesquisas da área da Comunicação, o conjunto de fontes que será estudado ao longo destas páginas aparentemente não teve grande repercussão entre os historiadores.

Apesar de sua riqueza e da facilidade com que se pode acessá-lo, não foram encontrados, até o momento, trabalhos que tratem desse grupo de documentos na área de conhecimento em questão, lacuna que se pretende preencher, em parte, com a análise que poderá ser lida a seguir. Ela terá início no próximo capítulo, que trará, em sua primeira parte, um breve histórico político de Luis Inácio Lula da Silva (com destaque para o período em que foi Presidente da República), bem como destacará algumas questões referentes ao Escândalo do Mensalão, sua cobertura midiática e seus desdobramentos. Já em sua segunda metade, o foco será direcionado para o uso político do rádio no país, quando serão destacadas algumas experiências nacionais e suas conexões com iniciativas estrangeiras. Essa é base necessária para a contextualização posterior, referente aos aspectos técnicos e estratégicos do programa "Café com o Presidente".

Na terceira seção do trabalho, por sua vez, será possível ter acesso à análise das fontes propriamente dita, em texto que abrangerá os momentos antecedentes às denúncias, a crise governamental provocada pelas revelações e o posterior arrefecimento das turbulências em Brasília. Abrangendo essas três distintas fases, estará disponível para leitura a tentativa de traçar paralelos entre os acontecimentos políticos, a cobertura midiática e o conteúdo veiculado pelo governo via rádio, em composição que dá forma à análise pretendida pelo presente Trabalho de Conclusão de Curso, cujas considerações finais e referências constarão em suas últimas páginas.

¹² Far-right Bolsonaro rides anti-corruption rage to Brazil presidency. *Reuters*. 28 out. 18. Disponível em: < <https://www.reuters.com/article/us-brazil-election/far-right-bolsonaro-rides-anti-corruption-rage-to-brazil-presidency-idUSKCN1N203K> >. Acesso em: 10 nov. 18.

2 “BOM DIA AOS OUVINTES DO ‘CAFÉ COM O PRESIDENTE’”

2.1 “Pai de cinco filhos”

"Um operário, nordestino, de origem humilde, que tentou chegar à Presidência da República três vezes” (FICO, 2015, p. 133). É assim que Carlos Fico sintetiza a figura de Luiz Inácio Lula da Silva às vésperas das eleições de 2002. Migrante, metalúrgico e líder sindical preso pela Ditadura Militar, o pernambucano disputava pela quarta vez o cargo mais alto do país, em nova tentativa do Partido dos Trabalhadores, agremiação de esquerda fundada por ele nos anos 1980. Aliás, era justamente o caráter popular de sua candidatura um dos principais responsáveis por suas derrotas, causadas em parte pelo receio de vastos setores da sociedade brasileira em relação às ideias do petista. Porém, no ano em que a Seleção Brasileira de Futebol Masculino havia conquistado o quinto título da Copa do Mundo, os resultados seriam diferentes.

Duas vitórias seguidas do Partido da Social Democracia Brasileira, de Fernando Henrique Cardoso¹³, bastaram para que Lula decidisse “abrir mão das posições radicais do PT, sobretudo em relação à economia, o que fez por meio do documento intitulado ‘Carta ao povo brasileiro’. [...] Era o ‘Lulinha, paz e amor’” (FICO, 2015, p. 133). A promessa de manutenção das políticas econômicas de seu antecessor surtiu efeito, possibilitando a tão esperada eleição do político nordestino. Isso não significou, entretanto, um abandono de sua principal bandeira, as políticas voltadas à justiça social: “Lula ampliou o alcance e deu nova escala às iniciativas anteriores. Gerou expressiva diminuição do índice de pobreza” (FICO, 2015, p. 135). Assim, se o rompimento com os governos anteriores não veio na forma da adoção de medidas "radicais", por outro lado o enfoque trazido por Lula é bem discernível na comparação com seus antecessores:

ao identificar país desenvolvido com país sem pobreza, o governo dá ao combate à miséria um status de eixo de política econômica e não mais de política compensatória. Definindo-o como grande missão nacional, o governo passa a construir o ideário que sustenta a estratégia de crescimento com inclusão social como factível e adequada às necessidades nacionais. (COSTA, 2015, p.50)

Durante os oito anos no poder, Luís Inácio Lula da Silva buscou implementar e aperfeiçoar essa política, que se baseava na "transmissão dos ganhos de produtividade da

¹³ Sociólogo e cientista político nascido no Rio de Janeiro, FHC governou o Brasil entre 1995 e 2002. Exilado político durante a Ditadura Militar, foi um dos fundadores do PSDB, bem como o Ministro da Fazenda durante a implementação do Plano Real. Cf. FERNANDO HENRIQUE Cardoso. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cardoso-fernando-henrique> >. Acesso em: 29 set. 18.

economia para o rendimento das famílias trabalhadoras, que aumentaria [...] a competitividade da produção nacional pelos ganhos de escala auferidos pela expansão do mercado interno" (LESSA; COUTO; FARIAS, 2009, p. 98-99). Além da preocupação com a ascensão à classe média de milhões de pessoas, outras iniciativas também marcaram os mandatos de Lula, como a nova política externa adotada pelo Itamaraty, baseada na "ampliação das relações externas do Brasil com parceiros não tradicionais como China, Índia, Rússia e África do Sul, assim como o enfoque na atuação em organizações internacionais e coalizões político-econômicas" (ALBANUS, 2018, p. 52).

Entretanto, para conseguir levar adiante estas pautas, o governo petista foi caracterizado por outro aspecto, segundo Carlos Fico (2015), aquele que “diz respeito ao que se convencionou chamar de 'governabilidade'. [...] Lula se associaria ao PMDB e a partidos fisiológicos” (p. 136). Estas alianças, aliás, estiveram longe de representar uma união com fins programáticos, pragmatismo que já havia aparecido com a escolha de José Alencar, rico empresário filiado ao Partido Liberal, para ocupar a vice-presidência na chapa que se candidatou em 2002. No entanto, apesar das críticas de alas do partido, a postura adotada foi considerada necessária para que as propostas do PT conseguissem prosperar, em um cenário político fragmentado:

em sistemas multipartidários, caracterizados pelo fracionamento, a permanente construção de acordos que compatibilizem as divergências é um exercício fundamental para a estabilidade da coalizão. Nesse sentido, os apoios para aprovação de matérias no Congresso são mantidos sobretudo por meio de liberação de emendas parlamentares e provimento de cargos. (PEREIRA, 2017, p. 18)

Porém, tal obstinação por certas pautas, em detrimento de balizas ideológicas e posturas antes defendidas pelo partido, logo ganhou novos contornos. Assim, não demorou muito tempo para que, assim como durante os mandatos dos outros presidentes brasileiros, começassem a surgir suspeitas e acusações de corrupção, chegando ao ápice no dia 6 de junho, quando a “Folha de São Paulo estampava na capa a manchete ‘PT dava mesada de R\$30 mil a parlamentares, diz Jefferson’” (LARANJEIRA, 2012, p. 30). A partir deste dia, o presidente Lula enfrentaria uma série de acusações e polêmicas, tendo seu governo afetado pelas constantes revelações e repercussões provocadas pelas declarações do deputado federal Roberto Jefferson, que havia admitido “que parlamentares recebiam dinheiro, mensalmente, para favorecer a aprovação de iniciativas governamentais: 'o Mensalão'" (FICO, 2015, p. 136).

Na manhã seguinte à publicação da entrevista, transformada em manchete por todos os meios de comunicação nacionais e responsável por sacudir Brasília, a primeira página do mesmo jornal anunciava a derrocada de um presidente sul-americano que havia assumido o poder dois anos antes. Como os leitores do periódico ficaram sabendo, no entanto, quem renunciara durante o dia anterior não fora, apesar das críticas instantâneas que se espalhavam pelo país, Luís Inácio Lula da Silva, o estadista brasileiro, mas sim Carlos Mesa, seu congênere boliviano. Porém, isso não significou uma pausa na repercussão das denúncias tornadas públicas por Roberto Jefferson. Pelo contrário, a mesma capa reservava um espaço muito mais amplo para o terremoto político que ocorria no maior país do subcontinente, estampando que "Lula confirma que recebeu denúncia: Planalto diz que presidente mandou apurar suposta compra de aliados, mas foi informado de que a Câmara havia investigado e arquivado o caso"¹⁴.

Durante os meses seguintes, o assunto foi tema hegemônico em todos os veículos da imprensa, cuja abordagem, mais tarde, inclusive se tornaria objeto de análise de várias publicações acadêmicas brasileiras. Picheli (2007), por exemplo, tratou do enfoque dado por duas revistas ao escândalo, em comparação que ressaltava que “os ataques de Veja a Lula e ao governo são diretos” (p. 54), ao mesmo tempo em que a Carta Capital “em muitos momentos quase silencia e tenta fazer a defesa, por meio das comparações com o governo anterior de Fernando Henrique Cardoso. A crítica de Carta Capital é sempre precedida ou seguida de um elogio” (p. 54). Já Larangeira (2012), enfocando a “Teoria e Debate”, publicação ligada ao PT, notou que “a energia tempestiva nos textos analíticos endereçados às administrações anteriores cederia lugar às colocações ajuizadas comuns nas repreensões materno-paternais” (p. 88), o que mostra, de qualquer forma, que mesmo internamente debatia-se intensamente a crise.

O terremoto político causado pela divulgação do Escândalo do Mensalão, eixo desta pesquisa, não pôde, no entanto, afetar de maneira definitiva a trajetória política do político petista. Apesar da sequência de fortes denúncias (como a que derrubou José Dirceu¹⁵, seu Ministro-Chefe da Casa Civil) e manchetes, que serão tratadas no decorrer deste estudo, Lula

¹⁴ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27824, 07 jun., 2005, capa.

¹⁵ Líder estudantil e exilado político durante a Ditadura Militar, José Dirceu de Oliveira e Silva foi deputado estadual e federal por São Paulo, apesar de ser mineiro. Foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, entidade que presidiu por vários anos. Durante o primeiro mandato de Lula, exerceu o cargo de Ministro-Chefe da Casa Civil, posto que abandonou após ser ligado ao Mensalão, escândalo pelo qual foi preso. Posteriormente, no âmbito da Operação Lava Jato, foi novamente condenado. Cf. JOSÉ DIRCEU de Oliveira e Silva. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-dirceu-de-oliveira-e-silva> >. Acesso em: 17 nov. 18.

não apenas conseguiu sobreviver ao seu primeiro mandato, como ainda o prolongou. A incrível trajetória de recuperação política culminou nas eleições de 2006, quando Lula, “com apoio na alta do emprego e numa política de redistribuição de renda, reconstruiu o governo e garantiu uma vitória sem sustos no segundo turno” (LEITE, 2013, p. 334). Posteriormente chancelada com a eleição de uma sucessora, sua ministra Dilma Rousseff¹⁶, a recuperação de seu prestígio político demonstra o poder que o ex-Presidente ainda possui, bem como justifica a tomada de fatos relacionados a seu governo como objeto de estudo deste Trabalho de Conclusão.

2.2 “Quero pedir desculpa pela eloquência”

Em abril de 1995, a "*Folha de São Paulo*" anunciava que o Presidente da República no momento, Fernando Henrique Cardoso, imitaria o que havia sido feito anteriormente pelo então senador José Sarney¹⁷, antigo ocupante do Palácio do Planalto. De acordo com os jornalistas do periódico paulista, FHC havia se impressionado durante viagem aos Estados Unidos, onde conhecera o programa radiofônico semanal do presidente Bill Clinton¹⁸, e decidido reeditar o antigo “Conversa ao pé do rádio”, de Sarney. A nova plataforma de comunicação do governo, chamada de “Palavra do Presidente”, serviria como “parte da ofensiva de FHC contra as dificuldades de comunicação do governo”¹⁹, demonstrando que o uso do rádio como peça de propaganda política tem diversos precedentes nos anos recentes da história brasileira.

Porém, para que esta pesquisa seja produzida sobre uma sólida base histórica, é necessário que se recuem mais algumas décadas além desta data. Afinal, a utilização política do rádio remonta às primeiras décadas do século XX, como demonstra Oliveira (2006) ao

¹⁶ Militante na luta armada contra a Ditadura Militar, a economista mineira foi presa e torturada nos anos 1970. Fundadora do PDT, foi mais tarde escolhida pelo PT para suceder Lula, após ser ministra-chefe da Casa Civil do pernambucano. Eleita em 2010, governou até 2016, quando sofreu um processo de impeachment. Cf. DILMA VANA Rousseff. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dilma-vana-rousseff> >. Acesso em: 29 set. 18.

¹⁷ Governador de seu estado natal e senador eleito líder da Casa por três vezes, o maranhense José Sarney comandou o país entre 1985 e 1990. Primeiro estadista civil pós-Ditadura Militar, o candidato a vice-presidente assumiu o cargo com a doença de Tancredo Neves, seu cabeça de chapa, que acabou falecendo no mesmo ano. Cf. JOSÉ RIBAMAR Ferreira de Araújo Costa. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-ribamar-ferreira-de-araujo-costa> >. Acesso em: 23 out. 18.

¹⁸ Marido de Hillary Clinton, também integrante do Partido Democrata, Bill Clinton foi o presidente estadunidense entre 1993 e 2001. Também governou o estado do Arkansas. Cf. BILL CLINTON. Disponível em: < <https://www.britannica.com/biography/Bill-Clinton> >. Acesso em 12 nov. 18.

¹⁹ FHC imita Sarney e cria programa de rádio. *Folha de São Paulo*. 29 abr. 95. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/4/29/brasil/41.html> >. Acesso em: 20set. 18.

falar sobre o uso do meio de comunicação durante a Segunda Guerra Mundial (p. 2): “o rádio foi fundamental para criar e fortalecer a identidade dos habitantes dos países aliados em torno das justificativas para o conflito, assim como incentivar o ódio pelos grupos inimigos e ressaltar as causas a serem combatidas”. Aliás, mesmo antes disso, no Brasil, já se verificara a comunhão entre rádio e política, já que

aquela que é considerada por muitos a primeira experiência radiofônica no Brasil, foi marcada por um discurso político: em setembro de 1922, durante a exposição que comemorava o centenário da independência do Brasil, no Rio de Janeiro, Epitácio Pessoa tornou-se o primeiro presidente brasileiro a falar no Rádio. (FERREIRA, 2007, p. 1)

Durante a Primeira República, porém, o alcance ainda era muito limitado em termos de população ouvinte, condição que seria alterada em seguida, o que é demonstrado quando nota-se que, “ao contrário da Revolução de 30, quando grande parte da população demorou dias para saber da tomada de poder, com o Ato de 37, a população dos grandes centros foi informada instantaneamente pelo rádio do anúncio de Vargas” (OLIVEIRA, 2006, p. 14-15). Foi Getúlio Vargas, aliás, quem melhor soube aproveitar o potencial que emergiu com a popularização do novo meio de comunicação. Afinal, mesmo antes do anúncio do golpe que daria origem ao Estado Novo²⁰, o presidente já havia criado o “Programa Nacional”, mais tarde renomeado como “Hora do Brasil”, e que era “veiculado na hora em que a maioria do país jantava, [...] como se o governo passasse a ter uma cadeira cativa na mesa das famílias e participasse daquele momento propício para difundir suas intenções” (OLIVEIRA, 2006, p. 93).

A expansão do rádio também foi levada a cabo pela iniciativa privada, responsável pela inauguração da “emissora que acabaria por tornar-se a maior lenda do rádio brasileiro” (OTRIWANO, 1985, p. 18). Originalmente pertencente ao grupo “A Noite”, no entanto, “em 1940, a Rádio Nacional, a maior do país, dotada dos equipamentos mais modernos, foi encampada pelo Estado, iniciando a época áurea do rádio brasileiro. O governo decidiu que a Rádio Nacional tinha que ser um instrumento de afirmação do regime” (NUNES, 2009, p.59). Adotada como parte fundamental da estratégia de publicidade do governo, a emissora radiofônica recém-adquirida possibilitava um relativo incremento na capacidade de propaganda estatal, já que,

²⁰ Regime ditatorial comandado por Getúlio Vargas, com nuances fascistas, implantado em resposta a fictício plano comunista de tomada de poder. Em vigência de 1937 a 1945, teve como ato inaugural um pronunciamento radiofônico em cadeia nacional. Cf. ESTADO NOVO. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/estado-novo> >. Acesso em: 24 set. 18.

além de aproveitar da instantaneidade do veículo, o governo se beneficiava de outras características da radiodifusão, como a facilidade de atingir desde os analfabetos até os cidadãos com maior grau de escolaridade e a amplitude do seu raio de atuação, com suas ondas sonoras percorrendo desde os grandes e mais ricos centros até os menos desenvolvidos e mais afastados. (OLIVEIRA, 2006, p. 104)

No mesmo período, o uso político do rádio ganhava força em todo o mundo, gerando constantemente novas abordagens e modelos. As “Fireside Chats”, de Roosevelt²¹, por exemplo, marcaram época, influenciando gerações de políticos de várias partes do planeta, como conta Ferreira (2007, p. 7): “Espelhando-se no modelo criado por Franklin D. Roosevelt cinquenta anos antes nos EUA, Sarney decide ir além e lança o seu Conversa ao Pé do Rádio, [...] um meio para explicar e buscar o apoio da população às iniciativas de seu governo”. Assim, o primeiro Presidente da República pós-Ditadura Militar importava um modelo estrangeiro de sucesso, procurando aproximar-se da população, já que a “‘conversa ao pé do rádio’, desde seu próprio título, é marcada pelo informalismo e por uma relação direta entre o cidadão José Sarney e o povo. Não é o governo que se apresenta, mas a pessoa do presidente, [...] em uma linguagem coloquial” (PINTO, 1989, p. 74). Isso não significava, entretanto, uma ruptura com a larga tradição política brasileira de utilização do rádio, tratada acima, já que, para Pinto (1989, p. 83),

a questão do sujeito enunciativo do discurso presidencial brasileiro é particularmente importante por duas características da discursividade da política contemporânea do país: a herança getulista e a inexistência de agremiações político-partidárias fortemente enraizadas na sociedade civil.

Mais tarde, o formato intimista foi adotado também por Fernando Henrique Cardoso, que entrou no Palácio do Planalto em 1995. Por meio do já citado “Palavra do Presidente”, programa construído a partir “de inserções muito curtas e ágeis, de tempo bastante reduzido” (FERREIRA, 2007, p. 12), o mandatário brasileiro, “carismático, sedutor e dono de uma voz agradável, apresentava de forma coloquial alguns temas, [...] buscava a publicidade contínua de boas iniciativas governamentais, por meio da conversa informal e amigável” (FERREIRA, 2007, p. 12). Ainda segundo Ferreira (2007), o “Palavra do Presidente”, mantido pela equipe do sociólogo carioca, “não buscava apoio popular imediato a questões polêmicas. Ao contrário, esse apoio era construído paulatinamente, resultado do conhecimento e aceitação do

²¹ Franklin Delano Roosevelt foi um dos mais importantes presidentes da história dos Estados Unidos. Comandou a maior economia do mundo entre 1933 e 1945, período que abrangiu a recuperação pós-Crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial. Durante este período, emitiu 30 programas de rádio para explicar as ações de seu governo, as “Conversas ao pé da lareira” (“Fireside chats”). Cf. FDR BIOGRAPHY. Disponível em: < <https://fdrlibrary.org/fdr-biography> >. Acesso em: 29 set. 18.

ouvinte/eleitor das políticas públicas (apenas as bem sucedidas) que estavam sendo implementadas” (p. 12).

Apesar do final do governo do PSDB, em 2003, ter um grande significado em termos de ruptura simbólica, o mesmo não se pode dizer quando se fala a respeito das estratégias midiáticas voltadas para o campo radiofônico. Afinal, já no final deste ano, entrava no ar o “Café com o Presidente”, programa de rádio que lembrava os modelos usados nos mandatos de seus antecessores, cujo objetivo consistia em “apresentar uma visão otimista dos assuntos mais polêmicos, divulgando números que comprovem o bom desempenho nacional” (FERREIRA, 2007, p. 17). Assim, a cada duas semanas, ia ao ar para todo o território brasileiro uma pequena entrevista com o novo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, momento aproveitado por ele (e sua equipe) para fazer propaganda de obras e programas, defender políticas adotadas e exaltar conquistas de sua gestão. Tudo isso feito do jeito mais coloquial possível:

a linguagem adotada no programa é bem marcante. As informações são apresentadas numa linguagem simples e direta. A presença do jornalista confere “credibilidade” aos temas, além de facilitar a edição final e atribuir um ritmo consideravelmente mais dinâmico. Este é o ambiente propício para o coloquialismo dos discursos do presidente Lula, que usa fartamente metáforas e tom informal. (FERREIRA, 2007, p. 16)

Assim, ao fim do primeiro quarto de seu mandato inicial, foi a vez Lula investir no rádio como uma plataforma de propaganda estatal. Os “bate-papos”, cujo tempo de duração, “para que houvesse compreensão da entrevista e que fosse aceito pelo público sem dispersão ou cansaço, [...] ficou em cinco minutos líquidos” (DANCUR, 2009, p. 70-71), eram conduzidos pelo jornalista Luiz Fara Monteiro²². Porém, se a ferramenta de propaganda conservava certos aspectos que haviam marcado suas congêneres no passado recente, também foram postas em prática por Duda Mendonça²³ certas inovações em termos de formato e padrão de fala, em consonância com o estilo específico e idiossincrático do novo estadista brasileiro:

²² Radialista, repórter e apresentador de televisão nascido no Rio de Janeiro, Luiz também comandou “A Voz do Brasil” durante seu vínculo junto ao governo federal, bem como trabalhou na rede de televisão Record. Cf. PERFIL LUIZ Fara Monteiro. Disponível em: < <https://noticias.r7.com/record-news/apresentadores/luiz-fara-monteiro/> >. Acesso em: 10 nov. 18.

²³ Publicitário baiano, um dos responsáveis pela campanha de Lula em 2002. Em 2005, envolveu-se no Escândalo do Mensalão, mas acabou absolvido pelo STF. Posteriormente, foi investigado também durante Operação Lava Jato, optando por assinar um acordo de delação premiada. Cf. QUEIROZ, Adolpho Carlos Françoso et al. De Quintino Bocaiúva a Duda Mendonça: breve história dos marqueteiros políticos no Brasil republicano. In: CARDOSO, Paulo Ribeiro; CAIRRÃO, Álvaro Lima. Comunicação política - Edição especial: Cadernos de estudos midiáticos IV. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

o programa deveria ser diferente dos anteriores (com Sarney e Fernando Henrique Cardoso), pois sabiam que ao presidente Lula não caberia esse formato lido e monótono, mesmo porque a preocupação maior não era divulgar informações governamentais, e sim pautas concludentes, de interesse público. [...] Duda Mendonça e Eugênio Bucci, presidente da Radiobrás de 2003 até 2007, desenvolveram ideia e projeto. Assim, Duda indica o nome de Luiz Henrique Romagnoli, proprietário da Produtora Toda Onda, e indicado simultaneamente por Bucci, para a produção do programa. É o início do Café com o Presidente. (DANCUR, 2009, p. 67)

Posteriormente, Luciano Seixas²⁴ substituiu o radialista original no comando das entrevistas, que eram divulgadas ao público às segundas-feiras, em diversos horários, através da Radiobrás. Esta empresa pública, criada em 1975 para centralizar as emissoras de rádio e televisão pertencentes ao governo federal, foi idealizada durante o período em que o país vivia sob uma ditadura militar, cujos líderes na época estavam envolvidos com a “preocupação em relação à expansão e ao conteúdo da radiodifusão” (ORTRIWANO, 1985, p. 24). Já quanto à forma de divulgação do “Café com o Presidente” e suas condições de transmissão pelas emissoras,

optou-se pela não obrigatoriedade. Os programas seriam disponibilizados às rádios abertas de todo território nacional e distribuídos em três diferentes formatos pela Radiobrás: 1) através da Rádio Nacional, com transmissão via satélite; 2) através da internet, no site da Radiobrás, em formato MP3; 3) ainda através do site, em que a transcrição de cada programa é disponibilizada em sua íntegra. (DANCUR, 2009, p. 72)

Ao longo dos anos, a frequência passou a ser semanal, ao invés de quinzenal, e a produção, que era de responsabilidade da empresa pública supracitada, passou para o âmbito da Empresa Brasileira de Comunicação, que incorporou a estatal. Porém, a linguagem simples, o formato dinâmico e a curta duração perduraram, já que sempre “priorizou-se o perfil do presidente Luiz Inácio Lula da Silva – levando em consideração sua espontaneidade discursiva (sempre alicerçado em dados, mas com o modo de falar natural e espontâneo) acompanhado de seu temperamento emotivo e experiência de vida” (DANCUR, 2009, p. 69-70).

²⁴ Jornalista nascido no Rio de Janeiro, Luciano Rocha de Seixas reside em Brasília desde os anos 1970. Com a eleição de Dilma Roussef e a criação do “Café com a Presidenta”, foi novamente escolhido para o papel de interlocutor presidencial, comandando as entrevistas semanais com a sucessora de Lula. Cf. LUCIANO SEIXAS é cidadão honorário de Brasília. Disponível em: < http://www.cl.df.gov.br/ultimas-noticias/-/asset_publisher/IT0h/content/luciano-seixas-e-cidadao-honorario-de-brasilia >. Acesso em: 10 nov. 18.

Já a determinação das pautas do programa, ocorrida a partir de discussões entre a Secretaria de Comunicação da Presidência e a equipe de produção do “Café com o Presidente”, também tinha grande importância, já que era nesse momento em que se decidiam quais abordagens seriam escolhidas para que se pudesse, “mais do que ‘contribuir para o esclarecimento do cidadão’, [...] explicar ações governamentais, apresentando a posição oficial sobre os assuntos mais polêmicos” (FERREIRA, 2007, p. 16). Aliás, esse processo ganha ainda mais relevância quando se leva em conta que “durante quase três anos de seu primeiro mandato, Lula concedeu somente uma entrevista coletiva à imprensa, com limites para participação e réplica de jornalistas” (FERREIRA, 2007, p. 16). Assim, o programa radiofônico acabava sendo uma das principais formas de repercussão das atividades da gestão de Lula, como explica Dancur:

o fato de os meios impressos, de emissoras de rádio privadas e de emissoras de televisão inserirem em seus noticiários as informações sonoras do Café com o Presidente indica que está ocorrendo uma valorização do programa de radiojornalismo com o presidente Luís Inácio Lula da Silva. (2009, p. 54)

O “Café com o Presidente” durou mais de sete anos, indo ao ar desde 17 de novembro de 2003 até 27 de dezembro de 2010, terminando apenas com o final do segundo mandato de Luís Inácio Lula da Silva. Posteriormente, seus sucessores no cargo mais importante do país acabariam provando que o prestígio da ferramenta e de sua utilização como meio de propaganda governamental continuavam em alta. Isso pode ser notado pela criação do “Café com a Presidenta”, que surgiu logo no segundo mês de governo de Dilma Roussef e que duraria até meados de 2014, e com os estudos realizados menos de 20 dias após a posse de Michel Temer, cuja equipe de comunicação pensou em produzir também um programa do gênero²⁵ (neste caso, aparentemente, a iniciativa nunca saiu do papel). Dessa forma, pode-se notar o relativo sucesso do “Café com o Presidente”, programa radiofônico cujo papel durante o desenrolar da crise detonada pelo escândalo do Mensalão será analisado no próximo capítulo.

²⁵ Temer deve ter programa de rádio como o antigo Café com o presidente. *Época*. 30 mai. 16. Disponível em: < <https://epoca.globo.com/tempo/expresso/noticia/2016/05/temer-deve-ter-programa-de-radio-nos-moldes-do-antigo-cafe-com-o-presidente.html> >. Acesso em: 20 set. 18.

3 “EU FICO INDIGNADO”

3.1 "Da corrupção se extrai o dinheiro que poderia estar ajudando a desenvolver este país"

Quatro meses depois de comemorar seu terceiro aniversário, a Lava Jato viveu um de seus mais emblemáticos momentos. Em julho de 2017, o ex-Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva era sentenciado a nove anos e meio de prisão²⁶ por Sérgio Moro²⁷, juiz federal alçado à condição de celebridade nacional por seu protagonismo na operação, cuja magnitude, que pode ser dimensionada pelo poder político dos atingidos pelas investigações, era sonhada pelo magistrado paranaense há mais de uma década. Em artigo publicado em 2004, na Revista Jurídica do Centro de Estudos Judiciários, publicação mantida pelo Conselho da Justiça Federal, Moro²⁸ já adiantava que, “no Brasil, encontram-se presentes várias das condições institucionais necessárias para a realização de ação judiciária semelhante”.

A ação em questão, exaltada pelo juiz como um modelo a ser replicado em seu país era a *Mani Pulite*, grande operação italiana de combate à corrupção que desestruturou completamente o regime político da nação europeia no início dos anos 90, e que, para ele, “constituiu uma das mais exitosas cruzadas judiciárias contra a corrupção política e administrativa”. Curiosamente, no ano seguinte era a vez de Lula, exercendo o mais importante cargo do país, exaltar o trabalho realizado pelas autoridades italianas na década anterior:

eu gostaria que um dia o Brasil atingisse o nível que atingiu a Operação Mãos Limpas, na Itália. Gostaria, e se depender do meu esforço pessoal, nós vamos aproveitar esse momento para fazer as coisas que têm que ser feitas no Brasil, porque nós precisamos mostrar para a sociedade brasileira que é possível acabar com a corrupção no Brasil.²⁹

²⁶ Lula é condenado a 9 anos e seis meses; Moro não decreta prisão do petista. *Estadão*. 12 jul. 17. Disponível em: < <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/lula-e-condenado-por-moro-a-9-anos-de-prisao/> >. Acesso em: 24 set. 18.

²⁷ Professor universitário, Sérgio Fernando Moro foi juiz federal na 13ª Vara Criminal de Curitiba, tribunal responsável pelos julgamentos em primeira instância relacionados à Operação Lava Jato. Em novembro de 2018, pediu exoneração do cargo para assumir o Ministério da Justiça e da Segurança Pública, após convite do Presidente eleito Jair Bolsonaro. Cf. Moro pede exoneração do cargo de juiz federal para ser ministro do novo governo. *GI*. 16 nov. 18. Disponível em: < <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2018/11/16/presidente-do-trf-4-assina-exoneracao-de-sergio-moro.ghtml> >. Acesso em: 17 nov. 18.

²⁸ MORO, Sergio F. Considerações sobre a operação Mani Pulite. Revista CEJ, Brasília, n. 26, p. 56-62, jul./set. 2004, p. 60-61.

²⁹ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 43, 13 jun., 2005.

Assim, após mais de um ano e meio no ar, o "Café com o Presidente" era obrigado a tratar de escândalos de corrupção. Afinal, no começo da semana anterior, a "*Folha de São Paulo*" havia estampado em sua capa a entrevista concedida pelo deputado federal Roberto Jefferson (PTB-RJ): "Roberto Jefferson, presidente nacional do PTB, afirma em entrevista exclusiva que o tesoureiro do PT, Delúbio Soares, pagava um 'mensalão' a parlamentares em troca de apoio no Congresso. Eram, diz, R\$ 30 mil mensais entregues a representantes do PP e do PL [...]".³⁰ Segundo o parlamentar, a mesada, paga a congressistas da base aliada em troca de votos em projetos considerados estratégicos pelo governo, parou apenas no início daquele ano, quando ele comunicou o presidente Luis Inácio Lula da Silva a respeito da ocorrência da prática em Brasília: "O presidente Lula chorou. Falou: 'não é possível isso'. E chorou".³¹

Com a repercussão nacional da fala do deputado, Lula se preocupou em destacar no mesmo programa citado acima, o primeiro produzido depois das denúncias, o trabalho da Controladoria-Geral da União em conjunto com o Tribunal de Contas. Além disso, o Presidente elogiou o empenho da Polícia Federal nas iniciativas de combate à corrupção e relembrou outras investigações já realizadas desde o início de seu mandato, como as operações Vampiro (investigação a respeito de fraudes nas compras de medicamentos hemoderivados pelo Ministério da Saúde) e Curupira (combate ao desmatamento da Floresta Amazônica por parte de madeireiros e funcionários públicos da região). Ainda complementou:

Neste aspecto eu acho que a imprensa joga um papel importante quando publica as coisas. Eu gostaria que as publicações tivessem nomes de pessoas, tivessem nomes de empresas porque, aí, fica muito mais fácil a investigação. Eu sempre acho que quando alguém denuncia alguém, quem tem que provar o que está denunciando é quem está acusando, porque, aí, a Polícia Federal, o Ministério Público têm como investigar mais profundamente.³²

Essa mesma imprensa elogiada pelo presidente já vinha dando destaque a outras suspeitas envolvendo membros do governo petista, em momentos anteriores à instauração da nova crise. Um mês antes da veiculação deste programa, por exemplo, o jornal "*Folha de São Paulo*" ocupava sua capa tratando de problemas envolvendo dois dos mais importantes membros da gestão do Partido dos Trabalhadores, o presidente do Banco Central ("STF

³⁰ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27823, 06 jun., 2005, capa.

³¹ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27823, 06 jun., 2005, p. A5.

³² CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 43, 13 jun., 2005.

quebra sigilo de Meirelles”³³) e o ministro da Previdência Social (“Fonteles pede ao Supremo investigação sobre Jucá”³⁴).

Apesar de não estarem ligadas ao esquema denunciado por Jefferson, as apurações envolvendo Henrique Meirelles e Romero Jucá foram apenas parte dos problemas governistas naquele período. O mês de maio, na realidade, foi a prévia do que o governo de Luís Inácio Lula da Silva viria a enfrentar em seguida, tendo sido também o momento em que se acirraram as negociações políticas que acabariam provocando a realização das denúncias. Como relatou a *"Folha de São Paulo"* quatro dias após noticiar as turbulências envolvendo o primeiro escalão do governo, a

oposição no Congresso começou a articular ontem a criação de uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito), para investigar suspeitas de corrupção envolvendo indicados do PTB para os Correios. A ação veio acompanhada da ênfase no discurso de que o episódio não se restringe ao PTB, mas que se trata de um escândalo do governo de Luiz Inácio Lula da Silva.³⁵

Isto ocorreu pois, alguns dias antes, a revista *"Veja"* havia publicado reportagem que mostrava Maurício Marinho, funcionário dos Correios, recebendo propina de empresários. Apesar da negativa do parlamentar, Marinho afirmava "agir sob ordens do presidente nacional do PTB, deputado Roberto Jefferson"³⁶. As semanas seguintes seriam marcadas por intensas articulações em torno da implantação da CPI, tanto por parte da situação quanto da oposição, apesar das desconfianças quanto à efetividade deste expediente, já que "há mais de uma década o Congresso investiga os mesmos crimes: corrupção, lavagem de dinheiro e remessas ilegais"³⁷.

Os esforços do governo, no entanto, foram derrubados por integrantes do próprio Partido dos Trabalhadores, de acordo com o Presidente da República: "em telefonema a auxiliares, [...] reconheceu sua parcela de culpa no fracasso da operação para abafar a CPI dos Correios, mas responsabilizou principalmente os 14 deputados federais do PT e os seis do PC do B que mantiveram as adesões ao requerimento de criação da CPI".³⁸ Duas semanas depois, já sob o efeito da nova denúncia, Luís Inácio Lula da Silva manifestou mais uma vez sua inconformidade com qualquer movimento que pudesse atrapalhar seu governo, sem, no

³³ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27799, 13 mai., 2005, capa.

³⁴ Idem

³⁵ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27803, 17 mai., 2005, p. A5.

³⁶ Idem

³⁷ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 352, 27 jul., 2005, p. 26.

³⁸ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27813, 27 mai., 2005, p. A4.

entanto, deixar de garantir que as denúncias seriam devidamente investigadas pelas instituições estatais competentes:

Na verdade, Luiz, eu gostaria de estar aqui no “Café com o Presidente” discutindo as coisas boas que estão acontecendo no país, sejam políticas sociais, sejam as inaugurações que nós temos feito, como a plataforma, que eu fui, no Rio de Janeiro, esta semana. Mas a política é feita de coisas boas e de coisas ruins. É importante saber que a questão da corrupção no Brasil não é uma coisa nova. E quanto mais se combate a corrupção, mais ela aparece na imprensa. E nós estamos combatendo a corrupção como jamais foi combatida neste país.³⁹

Até aquele momento, as “coisas boas” a que se referia Lula ocupavam a totalidade do “Café com o Presidente”, que trazia em seus poucos minutos um resumo dos principais feitos da gestão do Partido dos Trabalhadores, além de servir de espaço para esclarecimentos. Em meados de maio, por exemplo, o pernambucano utilizou a ferramenta de propaganda radiofônica para defender suas decisões em termos de política internacional, respondendo àqueles que criticavam a quantidade de viagens realizadas ao exterior e exaltando indicadores positivos:

Luiz, eu estou convencido que o povo brasileiro já tem uma nítida noção do resultado da nossa política internacional, da nossa política externa. [...] acontece que, nesse mundo globalizado, um país com o potencial produtivo do Brasil, tanto na indústria quanto na agricultura, um país que tenha qualidade no setor de serviços que tem o Brasil, não pode ficar esperando que as pessoas venham nos descobrir. [...] Ora, de 2003, depois da nossa posse até hoje, nós praticamente duplicamos. Nós temos uma exportação, em 12 meses, praticamente de 104 bilhões de dólares. Nós temos um superávit, ou seja, vendemos mais do que compramos, praticamente 37 bilhões de dólares, o que é o saldo maior da história do Brasil, falando percentualmente.⁴⁰

Ainda seria necessário quase um mês para que as denúncias de corrupção ganhassem espaço nos discursos transmitidos via rádio, que ignoravam as tensas semanas de negociações políticas. Quem não conseguia esquecer o assunto era Roberto Jefferson, alçado ao centro das atenções pelas acusações que o envolviam em esquemas de corrupção nos Correios. Quando parte do próprio Partido dos Trabalhadores decidiu apoiar a Comissão Parlamentar de Investigação, que seria presidida pelo senador Delcídio do Amaral (PT-MS) e relatada deputado federal Osmar Serraglio (PMDB-PR), o parlamentar carioca tomou sua decisão:

³⁹ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 43, 13 jun., 2005.

⁴⁰ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 41, 16 mai., 2005.

“acuado por denúncias de corrupção, Roberto Jefferson acusa o PT de comprar a fidelidade da base aliada”⁴¹.

Era o primeiro episódio da crise, detonada pela entrevista à *"Folha de São Paulo"*: "Disse o parlamentar: 'Eu vi que o governo agiu para isolar o PTB. Vai ter que sangrar a cabeça de alguém na guilhotina, tem que haver carne e sangue aos chacais. [...] Estou percebendo que estão evacuando o quarteirão, e o PTB está ficando isolado para ser explodido'".⁴² Apenas o “terremoto” político causado pela entrevista de Jefferson conseguiu fazer com que o programa passasse a ser utilizado para defender o governo das denúncias de corrupção. Entretanto, a abertura da crise não poderia significar, para os petistas, uma paralisia administrativa em sua gestão.

3.2 "Essa indignação já foi transformada em gesto prático desde o primeiro dia"

O próprio Presidente Lula, no dia 13, ressaltou a capacidade do Congresso Nacional de realizar investigações próprias, destacando também sua interlocução com os líderes das duas casas do parlamento brasileiro na época: “Eu conversei com o presidente Severino, conversei com o presidente Renan. É preciso apurar tudo. Agora, é preciso que a gente tome cuidado para não deixar que o Congresso fique só cuidando disso e não aprove as coisas que têm que ser aprovadas, de interesse do Brasil.”⁴³ Alguns dias antes, os periódicos já repercutiam as rápidas ações do estadista na tentativa de conter a crise: "Lula determinou a exoneração dos diretores dos Correios [...], também orientou o PT a apoiar a CPI dos Correios. Foi um recuo motivado pela percepção do agravamento do quadro político e da fragilização do governo".⁴⁴ Afinal, a instalação da Comissão trouxe consigo efeitos óbvios para a gestão do Partido dos Trabalhadores: "O PSDB aproveita a CPI dos Correios, aumenta os ataques".⁴⁵

Quando as chamadas envolvendo o escândalo já dominavam amplamente as publicações da imprensa brasileira, uma nova "bomba" sacudiu o país: “Tratado como acusador e não réu, Roberto Jefferson ‘incendeia’ o Congresso e provoca a demissão de José Dirceu”⁴⁶. No "Café com o Presidente" seguinte, no entanto, o apresentador Luiz Fara

⁴¹ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 346, 15 jun., 2005, p. 26.

⁴² FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27823, 06 jun., 2005, p. A6.

⁴³ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 43, 13 jun., 2005.

⁴⁴ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27825, 08 jun., 2005, p. A4.

⁴⁵ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 344, 01 jun., 2005, p. 26.

⁴⁶ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 347, 22 jun., 2005, p. 26.

Monteiro apenas informava a posse da nova ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff. Sem qualquer menção à queda do "braço direito" de Lula, que teria aberto "mão do velho companheiro"⁴⁷, o programa construiu um enquadramento que pretendia demonstrar a devida normalidade institucional, como convinha a um governo que acabava de perder um de seus pilares de sustentação:

Presidente Lula, a gente sabe que a Casa Civil da Presidência da República acompanha os principais projetos do governo. Na semana passada, o senhor deu posse à ministra Dilma Rousseff na Casa Civil. E o senhor certamente já discutiu com ela as prioridades. O que o governo está listando como ações imediatas, Presidente?⁴⁸

O restante da transmissão do dia 27 de junho comprovou essa intenção, já que foi totalmente ocupado por uma tentativa de agenda positiva, constituída por citações a grandes obras projetadas, como a transposição do Rio São Francisco, a Ferrovia Transnordestina e a Rodovia 101-Nordeste. Apenas no final de julho, dois programas adiante, Luís Inácio Lula da Silva voltaria a tratar do combate à corrupção no "Café com o Presidente". Apesar disso, a reforma ministerial, um dos tópicos daquela edição, foi anunciada apenas como uma reorganização administrativa, tratamento que atenuava certos casos. Uma das mudanças, por exemplo, envolvia o responsável pela pasta da Comunicação, Luiz Gushiken, que, "como já estava definido havia duas semanas, perde a condição de ministro. [...] a Comissão de Ética Pública da Presidência está cobrando explicações de Gushiken."⁴⁹ As denúncias voltaram ao foco da fala de Lula apenas na forma de uma defesa dos avanços promovidos na apuração do escândalo:

A minha convicção é que, quanto mais trabalharmos nessa área, quanto mais seriedade houver nas apurações, independentemente de quem seja, nós estaremos acreditando que é possível diminuir os desvios de recursos que existem neste país, a malversação do patrimônio público e fazendo com que, sobretudo daqui para frente, os homens públicos possam se transformar em pessoas que tenham credibilidade junto à opinião pública, porque nem sempre a história do Brasil permitiu que isso acontecesse.⁵⁰

Na mesma época, tinha prosseguimento a sequência de revelações e quedas de importantes políticos, além de suas conseqüentes reações populares, apesar da relutância de alguns nomes em colaborar com as investigações: "o silêncio e as evasivas do ex-tesoureiro

⁴⁷ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 347, 22 jun., 2005, capa

⁴⁸ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 44, 27 jun., 2005.

⁴⁹ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27869, 22 jul., 2005, p. A10.

⁵⁰ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 46, 25 jul., 2005.

do PT Delúbio Soares irritaram os integrantes da CPI⁵¹. No segundo dia de agosto, por exemplo, era repercutida pela imprensa a admissão, por parte de Valdemar Costa Neto, de ter recebido dinheiro do Partido dos Trabalhadores (“Presidente do PL renuncia e culpa o PT”⁵²), cuja cúpula seria novamente alvejada novamente: “entre os destinatários do dinheiro [...] retirado das contas do empresário Marcos Valério, estão [...] o ex-tesoureiro do partido Delúbio Soares e o ex-secretário-geral Silvio Pereira. [...] Lista inclui de parlamentares à sócia de Duda Mendonça”⁵³.

O impacto destas revelações foi tão grande que atingiu inclusive os adversários do PT, já que “as investigações mostram que tucanos e pefelistas usaram o mesmo esquema, [...] o Valerioduto”⁵⁴. Cada vez mais parecia correto o parecer de Jefferson, para quem “todo o sistema político está sujo”⁵⁵. Até mesmo o líder da nação, que desfrutava de um eficiente “efeito teflon”⁵⁶, foi afetado pelo clima que dominava o país após revelações de figuras como Marcos Valério⁵⁷:

cerca de cem servidores públicos [...] e representantes de partidos de esquerda, como PSTU, PC do B e PSOL, fizeram uma fogueira no meio da avenida Rio Branco (centro do Rio) na tarde de ontem para protestar contra a corrupção [...] “Para os deputados, ‘mensalão’. Para o servidor, nenhum tostão” era uma das mensagens exibidas nas faixas. Outra frase era “Lula, de orgulho a vergonha nacional”.⁵⁸

A rápida deterioração (momentânea) da situação surpreendia o país, que era dominado por um questionamento: “no governo, o PT repetiu os antecessores também ao administrar o poder. Vai repensar em si mesmo?”⁵⁹. O resultado de toda essa pressão foi a destinação de boa parte do programa seguinte para abordar o tema. No dia 08 de agosto, Luís Inácio Lula da Silva foi ao ar para “cumprimentar os ouvintes do programa ‘Café com o Presidente’ e dizer para o povo que eu estou, neste momento, com uma certa tristeza porque o povo brasileiro

⁵¹ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 352, 27 jul., 2005, p. 18.

⁵² FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27880, 02 ago., 2005, capa.

⁵³ Idem

⁵⁴ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 353, 03 ago., 2005, p. 30.

⁵⁵ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 348, 29 jun., 2005, p. 38.

⁵⁶ Referência à capacidade de um político de manter boa parte de sua popularidade intacta, conseguindo isolar-se das polêmicas e acusações, apesar de seus aliados sofrerem intenso desgaste. Cf. Análise: Efeito teflon preserva votos Bolsonaroistas. *O Globo*. 28 set. 18. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/analise-efeito-teflon-preserva-votos-bolsonaristas-23112741> >. Acesso em: 12 nov. 18.

⁵⁷ Empresário e publicitário mineiro, Marcos Valério Fernandes de Souza ficou conhecido por participar de esquema de financiamento ilegal de campanha mantido pelo PSDB de seu estado, antes de ganhar protagonismo nacional durante as apurações que o apontaram como operador do Mensalão.

⁵⁸ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27876, 29 jul., 2005, p. A9.

⁵⁹ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 350, 13 jul., 2005, capa.

não merece o que está acontecendo no Brasil”.⁶⁰ Lula também usou seu espaço para reafirmar o empenho do governo em contribuir com a CPI, a Polícia Federal, o Ministério Público e a Controladoria-Geral da União, além de destacar o papel futuro da justiça: “todos nós nascemos no mundo para ser honestos, para ser éticos, para ser dignos. Se alguém falhou com isso, esse alguém tem de pagar. Eu digo todo dia: independentemente de quem seja, tem que pagar”.⁶¹

Além de mais uma vez repetir o discurso de colaboração com o Poder Judiciário e os órgãos investigativos, o programa novamente ressalta a necessidade de evitar a paralisação do governo. Lula garante não ser possível acelerar o processo de apuração, apesar de sua vontade, mas destaca que “nós, agora, estamos inaugurando uma série de obras pelo Brasil afora. Por quê? Porque nós precisamos trabalhar, independentemente da crise”.⁶² Segundo o Presidente da República, que novamente apela aos chefes do Poder Legislativo, a grande preocupação dos políticos deveria ser o prosseguimento da agenda de votações, sublinhando a importância de pautas como a Lei Geral da Micro, Pequena e Média Empresa, o Fundeb, e a reforma partidária:

Eu tenho dito ao presidente Severino e ao presidente Renan, presidente da Câmara e presidente do Senado: independentemente da CPI estar funcionando, estar apurando, é importante que haja uma compatibilização entre a investigação da CPI e o trabalho do Congresso Nacional para que a gente possa votar projetos importantes. [...] Eu espero que haja disposição de todos os deputados, senadores, do governo e da sociedade para que, ao mesmo tempo em que a gente apure com rigor, a gente crie as condições para o Congresso funcionar e votar as coisas importantes e o governo fazer aquilo que é o seu papel: trabalhar para que as coisas aconteçam no Brasil. Afinal de contas, o povo brasileiro sabe perfeitamente bem que as coisas estão melhorando, e melhorando muito, e nós temos que tocar o barco.⁶³

Porém, as semanas seguintes foram marcadas por um novo recrudescimento na crise política, com o impeachment sendo aventado após ser divulgado que, “em depoimento surpresa na CPI dos Correios, o publicitário Duda Mendonça admitiu ter recebido do PT, por meio de Marcos Valério de Souza, dinheiro de caixa dois referente à campanha eleitoral de 2002”.⁶⁴ Era mais um forte abalo nas estruturas do partido, cuja sobrevivência começava a ser

⁶⁰ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 47, 08 ago., 2005.

⁶¹ Idem

⁶² Idem

⁶³ Idem

⁶⁴ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27890, 12 ago., 2005, p. A6.

posta em dúvida: "O partido aguenta o tranco?"⁶⁵, estampava a "*Carta Capital*" em sua capa. Afinal, tudo aquilo estava demonstrando que "o discurso da ética [...] não resistiu à corrupção no financiamento das campanhas eleitorais"⁶⁶. Ao mesmo tempo, as articulações de oposicionistas em torno de pautas-bomba⁶⁷ desgastavam o governo: "a crise provocada por denúncias de corrupção e a desarticulação de sua base custaram ontem ao governo sua derrota com maior impacto – o Senado [...] aprovou o aumento do salário mínimo para R\$ 384,29, [...] fixando ganho real de 38,1%"⁶⁸. Assim, no "Café com o Presidente" posterior, Lula era obrigado a dar explicações:

muitas vezes, as pessoas me ligam: "Presidente, o salário mínimo, o Senado aprovou R\$ 384,00, por que o senhor não deixa R\$ 384,00? Está numa crise política". E eu respondo: por uma questão de responsabilidade, ou seja, o país não comportaria, a Previdência não comportaria. Graças a Deus, a Câmara fez o que tinha que ser feito e voltou o salário mínimo de 300 reais.⁶⁹

A situação se agravava rapidamente, trajetória que parecia requerer um forte posicionamento frente a todas as acusações e denúncias que atingiam o alto escalão da gestão petista. Então, em reação, o governo federal preparou um pronunciamento, no qual, "dizendo-se 'traído' e 'indignado' diante das denúncias de corrupção, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou ontem que o PT e o governo, 'onde errou', devem pedir desculpas aos brasileiros"⁷⁰, resposta esperada desde junho, mês cujos últimos dias foram marcados pelo início da campanha de desidratação do governo levada adiante pela oposição: "Os tucanos radicalizam o discurso"⁷¹. Em seguida à fala de Lula, seguiu-se um alívio para os governistas, que souberam que,

durante a primeira reunião conjunta da oposição (PFL, PSDB, PDT, PPS, PV e parte do PMDB), parlamentares estancaram o discurso de impeachment e adotaram um posicionamento de que 'não há clima político para o impedimento do presidente'. [...] O motivo é prático: ninguém quer ser acusado de golpismo. [...] O presidente do PMDB, Michel Temer (SP), observou que o impeachment 'é um juízo de

⁶⁵ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XII, n. 357, 31 ago., 2005, capa.

⁶⁶ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 351, 20 jul., 2005, p. 29.

⁶⁷ Projetos legislativos com grande impacto orçamentário, geralmente propostos pela oposição como forma de desgastar o governo. Cf. Entenda o que são as chamadas "pautas-bombas" do Congresso Nacional. *EBC*. 06 ago. 15. Disponível em: < <http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2015/08/entenda-o-que-sao-chamadas-pautas-bombas-que-podem-ser-votadas-pelo> >. Acesso em: 12 nov. 18.

⁶⁸ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27889, 11 ago., 2005, B1.

⁶⁹ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 48, 22 ago., 2005.

⁷⁰ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27891, 13 ago., 2005, p. A4.

⁷¹ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 348, 29 jun., 2005, p. 34.

conveniência e é preciso ver se há já conveniência ou não: neste momento, não há'.⁷²

Dessa forma, a equipe do "Café com o Presidente" voltou a focar nas conquistas da gestão, destacando no dia 22 o programa Luz para Todos e uma série de viagens pelo país, realizadas durante aquela semana. A maratona de inaugurações, no entanto, não evitou um novo revés para o governo, mais uma vez atingido quando "ex-assessor diz que Palocci exigia propina para o PT"⁷³. Rogério Buratti, advogado e empresário, referia-se a caso de corrupção ocorrido em Ribeirão Preto alguns anos antes, na época em que fora governada por Antonio Palocci⁷⁴, o então Ministro da Fazenda do país e peça-chave no núcleo da gestão de Luís Inácio Lula da Silva.

Ironicamente, as denúncias atingiam justamente um dos nomes mais aceitos até então pelos opositoristas ao governo petista, dentre aqueles que compunham o alto escalão federal: "prestigiado, o ministro Palocci ensaia uma aproximação com o PSDB e patrocina debate sobre novos cortes nos gastos"⁷⁵. Desta vez, no entanto, a equipe responsável pelo "Café com o Presidente" resolveu não esperar o desenrolar da crise. Assim, no mesmo programa, que foi divulgado apenas dois dias após a revelação do novo escândalo, o Presidente da República abordaria diretamente o tópico, optando por fazer uma defesa expressa de seu importante subordinado:

Primeiro, eu fiquei satisfeito com a declaração do Palocci. Eu acho que a resposta do Palocci mostrou, primeiro, a segurança de uma pessoa inocente. Segundo, mostrou a segurança de um homem que sabe que não vai permitir, em hipótese alguma, que a economia brasileira sofra qualquer abalo e eu acho que o Palocci deu a resposta que o Brasil precisava ouvir. Acho que ele mostrou a tranquilidade de um homem que sabe o que quer e, portanto, nós vamos tocar o barco. [...] Primeiro, todas as denúncias que acontecerem e tudo o que tiver, o Ministério Público, a Polícia Federal, o governo vão facilitar as apurações, até porque essa crise é uma crise prolongada. [...] Então, nós temos apenas que ter paciência e saber que o Brasil tem que ser tocado no dia-a-dia.⁷⁶

⁷² FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27894, 16 ago., 2005, p. A6.

⁷³ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27898, 20 ago., 2005, capa.

⁷⁴ Prefeito de Ribeirão Preto e deputado federal por São Paulo, o médico Antonio Palocci Filho foi Ministro da Fazenda durante o primeiro mandato de Lula, cargo a que renunciou após se envolver em caso de quebra de sigilo ilegal. Já no governo Dilma, ocupou a Casa Civil até junho de 2011, quando abandonou o posto em função de denúncias de enriquecimento ilícito. Foi condenado por Moro em 2017, acusado de corrupção e lavagem de dinheiro. Cf. ANTONIO PALOCCI Filho. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-palocci-filho>>. Acesso em: 17 nov. 18.

⁷⁵ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 349, 06 jul., 2005, p. 34.

⁷⁶ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 48, 22 ago., 2005.

A maior assertividade percebida na decisão de realizar tal abordagem não significou, entretanto, uma mudança perene na estratégia midiática adotada com relação às acusações que abalavam sua equipe nos últimos meses. Pelo contrário, esta seria a última declaração do estadista a respeito do escândalo do Mensalão em seu programa de rádio, apesar das falas sobre o assunto continuarem acontecendo com frequência em eventos governamentais públicos, como na ocasião em que Lula afirmou que “não renunciará ao mandato nem seguirá o caminho de Getúlio Vargas [...] prometeu manter a ‘paciência de Juscelino Kubitschek’⁷⁷, bem como declarações pregando o combate à corrupção: "O presidente cobra punições severas"⁷⁸.

Enquanto isto, os episódios envolvendo a apuração do caso continuaram ocorrendo em alto ritmo, pois, no mesmo mês em que as “CPI’s aprovam pedido de cassação de 18 deputados”⁷⁹, já se realizou a primeira punição: “Jefferson, [...] réu confesso [...] abre a temporada de cassações. Agora, é Severino na mira”⁸⁰. Aliás, como previu a revista Carta Capital, no dia seguinte o deputado pernambucano Severino Cavalcanti (PP) “renunciou à presidência da Câmara. [...] A renúncia acontece depois de 19 dias de pressão, resultante da acusação feita por um empresário de que Severino exigiu mesada, em 2002 e 2003, para manter o funcionamento do restaurante da Câmara”⁸¹. Situação diferente seria vivida pelos parlamentares integrantes do partido de Luís Inácio Lula da Silva, já que, “no meio do pântano em que se transformou o processo eleitoral, o PT ameaça excluir os deputados que renunciarem”⁸².

3.3 "E vai continuar sendo"

Apesar de todas as turbulências, após o programa de 22 de agosto, o estadista e sua equipe voltariam a fazer do "Café com o Presidente" um espaço de propaganda governamental totalmente dedicado à agenda positiva, e que ignoraria qualquer polêmica, como aquela causada pela declaração do então vice-presidente da República, José Alencar, que “se diz pronto para assumir a Presidência na hipótese de afastamento de Lula, [...] apesar de declarar que é fiel ao presidente, contra o impeachment dele e que não moverá ‘uma palha’

⁷⁷ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27904, 26 ago., 2005, p. A8.

⁷⁸ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XII, n. 358, 07 set., 2005, p. 30.

⁷⁹ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27911, 02 set., 2005, p. A4.

⁸⁰ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XII, n. 360, 21 set., 2005, p. 36.

⁸¹ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27931, 22 set., 2005, capa.

⁸² CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XII, n. 354, 10 ago., 2005, p. 30.

para prejudicá-lo”⁸³. Esse novo direcionamento contou, inclusive, com o aumento na quantidade de programas produzidos e veiculados. A partir da edição seguinte, a periodicidade de sua veiculação tornou-se semanal:

Luiz Fara Monteiro: O senhor agora vai falar toda segunda-feira para o povo brasileiro, não é isso?

Presidente: Bom, eu vou falar e eu acho que é extremamente importante que a gente faça desse programa um motivo de explicação para a sociedade brasileira das coisas que o governo está fazendo, das coisas que o governo vai fazer. Por isso, eu quero cumprimentar os radialistas de todo o Brasil, cumprimentar os ouvintes do programa “Café com o Presidente” e dizer que estou à tua disposição, Luiz.⁸⁴

Dessa forma, o “Café com o Presidente” perdia a característica o havia marcado nos meses precedentes, voltando a tratar apenas de ações e programas realizados por Lula. Ao mesmo tempo, a revista fundada por Mino Carta passou a destacar também que, “em volume de recursos, a crise que afeta Lula não se compara a variadas negociatas nas eras Collor e FHC”⁸⁵. A “*Folha de São Paulo*”, por outro lado, continuou repercutindo as negociações do governo, ao noticiar que “o Planalto autorizou o pagamento de R\$ 500 milhões [...] em emendas [...] para tentar emplacar Aldo Rebelo (PCdoB-SP) na presidência da Câmara”⁸⁶. Aliás, objetivo este plenamente conquistado, já que dois dias depois o deputado situacionista foi eleito, “resultado [...] obtido após o Planalto deflagrar operação de guerra, enviando três ministros à Câmara, ameaçando aliados de retaliação e prometendo atender a diversos pleitos”⁸⁷. Era o primeiro passo para o fim das turbulências enfrentadas há meses, já que a “eleição de Aldo Rebelo para a presidência da Câmara desarma a oposição e reforça o cacife de Lula”⁸⁸.

Quanto às apurações parlamentares relacionadas ao Mensalão, apenas Dirceu, Jefferson e o deputado pernambucano Pedro Corrêa (PP) foram cassados pelo Plenário da Casa. A própria “*Carta Capital*” já havia notado a diminuição no ritmo das investigações, destacando que “a queda de audiência das CPI’s indica que o interesse pelo trabalho dos parlamentares está em declínio acentuado”⁸⁹. Somente em 2012 aconteceria o julgamento da

⁸³ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27920, 11 set., 2005, p. A18.

⁸⁴ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 50, 12 set., 2005.

⁸⁵ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XII, n. 359, 14 set., 2005, capa.

⁸⁶ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27936, 27 set., 2005, p. A4.

⁸⁷ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27938, 29 set., 2005, capa.

⁸⁸ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XII, n. 362, 05 out., 2005, capa.

⁸⁹ CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XII, n. 363, 12 out., 2005, p. 35.

Ação Penal 470⁹⁰ pelo Supremo Tribunal Federal, resultando na condenação de Dirceu, Valério, Soares, Corrêa e Jefferson, além de nomes como dos ex-deputados João Paulo Cunha (PT-SP), ex-líder da Câmara, Pedro Henry (PP-MT), José Genoíno, que havia presidido o PT, e Valdemar Costa Neto (PR, antigo PL-SP). Nessa época, já se encontravam distantes temporalmente as palavras otimistas de Lula, que foram ao ar naquele longínquo mês de junho:

Obrigado a você, Luiz, bom dia aos ouvintes do “Café com o Presidente”, e quero pedir desculpa pela eloquência, que realmente eu fico indignado. Como pai de cinco filhos, fico indignado quando fico sabendo que da corrupção se extrai o dinheiro que poderia estar ajudando a desenvolver este país, a fazer mais Bolsa Família, a colocar mais gente na escola. Eu fico indignado. E quero que o povo saiba que essa indignação já foi transformada em gesto prático desde o primeiro dia de governo e vai continuar sendo.⁹¹

Assim, teve aparente sucesso o processo gradual de “normalização” política, tanto nas ondas sonoras quanto no Congresso Nacional, onde o “governo pediu pressa na finalização das investigações das CPI’s, temendo que as comissões prossigam em 2006, ano eleitoral”⁹². Afinal, as sondagens eleitorais realizadas durante o auge da crise política mostravam que “o presidente Luiz Inácio Lula da Silva perderia para o prefeito de São Paulo, José Serra, se a eleição presidencial fosse hoje, revela pesquisa nacional do Datafolha. É a primeira vez que as intenções de voto no atual presidente são menores que as de outro concorrente”⁹³. No entanto, o bom desempenho econômico acabou por minimizar as turbulências institucionais que estavam sendo enfrentadas pela gestão do Partido dos Trabalhadores: uma vez mais, apesar de todos os problemas que haviam acontecido, estava agindo “*the economy, stupid*”⁹⁴. Com

⁹⁰ Ação Penal 470, foi instaurada pelo Supremo Tribunal Federal em 2007 para julgar os crimes vinculados ao escândalo do Mensalão. Cinco anos depois, o julgamento terminou com a condenação de 25 dos 37 réus, por infrações como corrupção ativa e passiva, lavagem de dinheiro e formação de quadrilha. Cf. Saiba quem são os 25 réus do mensalão que foram condenados pelo STF. *UOL*. 29 set. 12. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/politica/listas/saiba-quais-reus-do-mensalao-ja-foram-condenados-pelo-stf.htm> >. Acesso em: 17 nov. 18.

⁹¹ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 43, 13 jun., 2005.

⁹² FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27944, 05 out., 2005, p. A4.

⁹³ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27890, 12 ago., 2005, capa.

⁹⁴ “A economia, estúpido”. Frase cunhada pelo estrategista de campanha de Bill Clinton em 1992, James Carville, e que destaca a prevalência dos índices econômicos nos resultados de disputas eleitorais. Acabou popularizada com a vitória do democrata sobre o então Presidente dos Estados Unidos, George H. W. Bush, que, apesar de ter triunfado na Guerra do Golfo, enfrentava uma crise econômica. Cf. É a economia de novo, estúpido. *Época*. Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR81174-6013,00.html> >. Acesso em: 12 nov. 18.

geração de empregos⁹⁵ e crescimento do Produto Interno Bruto⁹⁶, o líder petista foi reeleito em segundo turno⁹⁷.

⁹⁵ Foram criados 1,254 milhão de empregos com carteira em 2005. *Gazeta do Povo*. 18 jan. 06. Disponível em: < <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/foram-criados-1254-milhao-de-empregos-com-carteira-em-2005-9uv3d4qm5u0xyjekz8auinkum/> >. Acesso em: 12 nov. 18.

⁹⁶ PIB cresceu 3,2% e foi de R\$2,1 trilhões em 2005. *Agência IBGE*. 09 nov. 07. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13389-asi-pib-cresceu-32-e-foi-de-r-21-trilhoes-em-2005> >. Acesso em: 12 nov. 18.

⁹⁷ Lula é reeleito Presidente da República. *G1*. 29 out. 06. Disponível em: < <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1330488-5601,00-LULA+E+REELEITO+PRESIDENTE+DA+REPUBLICA.html> > Acesso em: 12 nov. 18.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A lista de mandatários que mantiveram ferramentas do gênero ao longo do último século, por si só, comprova a importância do rádio como uma forma de propaganda governamental. Se, com o tempo, seu poder foi se deteriorando, face os novos meios de comunicação, por outro lado percebe-se sua força residual a partir da análise da preocupação de um governante do século XXI em mantê-lo durante a maior parte de seus mandatos, graças à sua interconexão com outras formas de informação. Dessa forma, o "Café com o Presidente" mostrou-se uma interessante fonte de pesquisa a respeito da estratégia de mídia mantida por Luiz Inácio Lula da Silva e pelo Partido dos Trabalhadores, que, naquela época, enfrentavam a pior crise de sua história (até então). A transformação sofrida pelo programa durante os meses em questão foi inegável, com o abandono parcial da agenda positiva governamental que caracterizava as transmissões desde o seu início, sendo a base de sua concepção.

Percebeu-se que, enquanto pôde, Lula deixou de fazer qualquer menção às denúncias que abundavam nas manchetes de todos os jornais e revistas do país, atitude que voltou a tomar logo após o esfriamento dos ânimos, quando ele e seus aliados conseguiram reerguer a capacidade política de seu governo. Entretanto, nos meses críticos de 2005, o líder petista deixou o silêncio de lado e decidiu-se por usar amplamente seu programa radiofônico para prestar esclarecimentos, predominando um discurso de apoio às instituições investigadoras, de lamentações quanto à ocorrência do Mensalão e de otimismo em relação ao combate à corrupção, aproveitando o potencial desta ferramenta. Isto não significou, porém, a radicalização do discurso veiculado, como poderia esperar-se, o que se nota levando em conta a ausência de uma fala mais agressiva (tanto com relação a parlamentares e partidos de oposição, quanto direcionada a veículos da imprensa).

Desta forma, notou-se que, mesmo nas edições do "Café com o Presidente" veiculadas na época de crise política, houve predomínio de uma fala "positiva", elemento fundamental do programa que foi mantido até nos momentos em que eram abordados os episódios envolvendo o Mensalão: ou seja, com as polêmicas e as acusações sendo evitadas. Outra decisão da equipe de mídia que assessorava o Presidente da República foi entremear as explicações relativas ao escândalo com propagandas de ações governamentais, procurando diluir a tensão trazida pela abordagem dos problemas com corrupção, ao mesmo tempo em que se objetivava conservar em certa medida o antigo estilo do programa radiofônico. Por fim, uma constante pregação em defesa do rápido retorno à rotina parlamentar regular completou o quadro, demonstrando claramente a urgência que Lula e seus aliados enxergavam no estímulo ao

processo de reestabilização política e combate à paralisia da máquina estatal, necessidade ainda mais premente com a aproximação do ano eleitoral em que se tentaria (e conseguiria) a reeleição.

5 REFERÊNCIAS

5.1 Fontes

5.1.1 Transcrições do “Café com o Presidente”

Disponíveis em: < <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/programa-cafe-com-o-presidente-1/2005> >. Acesso: set. 2018.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 40, 02 mai., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 41, 16 mai., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 42, 30 mai., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 43, 13 jun., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 44, 27 jun., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 45, 11 jul., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 46, 25 jul., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 47, 08 ago., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 48, 22 ago., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 49, 05 set., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 50, 12 set., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 51, 19 set., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 52, 26 set., 2005.

5.1.2 Edições digitalizadas da "*Folha de São Paulo*"

Disponíveis em: < <https://acervo.folha.com.br/index.do> >. Acesso: ago. 2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27799, 13 mai., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27803, 17 mai., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27813, 27 mai., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27823, 06 jun., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27824, 07 jun., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27825, 08 jun., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27869, 22 jul., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27876, 29 jul., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27880, 02 ago., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27889, 11 ago., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27890, 12 ago., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27891, 13 ago., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27894, 16 ago., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27898, 20 ago., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27904, 26 ago., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27911, 02 set., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27920, 11 set., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27931, 22 set., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27936, 27 set., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27938, 29 set., 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. Ano LXXXV, n. 27944, 05 out., 2005.

5.1.3 Edições digitalizadas da "*Carta Capital*"

Disponíveis em: <http://www.lector.com/Portal/Hotsites/CartaCapital/HotsiteCartaCapital.aspx> < >. Acesso: ago. 2018.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 344, 01 jun., 2005.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 346, 15 jun., 2005.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 347, 22 jun., 2005.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 348, 29 jun., 2005.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 349, 06 jul., 2005.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 350, 13 jul., 2005.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 351, 20 jul., 2005.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 352, 27 jul., 2005.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XI, n. 353, 03 ago., 2005.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XII, n. 354, 10 ago., 2005.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XII, n. 357, 31 ago., 2005.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XII, n. 358, 07 set., 2005.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XII, n. 359, 14 set., 2005.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XII, n. 360, 21 set., 2005.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XII, n. 362, 05 out., 2005.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança. Ano XII, n. 363, 12 out., 2005.

5.1.4 Outros documentos

Análise: Efeito teflon preserva votos Bolsonaristas. *O Globo*. 28 set. 18. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/analise-efeito-teflon-preserva-votos-bolsonaristas-23112741> >. Acesso em: 12 nov. 18.

ANTONIO PALOCCI Filho. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-palocci-filho> >. Acesso em: 17 nov. 18.

Barroso determina retirada de Lula de propaganda sob pena de suspensão. *UOL*. 09 set. 18. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/09/retirada-lula-propaganda-eleitoral-pena-de-suspensao.htm> >. Acesso em: 15 set. 18.

BILL CLINTON. Disponível em: < <https://www.britannica.com/biography/Bill-Clinton> >. Acesso em 12 nov. 18.

CONHEÇA O Grupo Folha. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/institucional/> >. Acesso em: 12 set. 18.

Corrupção é principal preocupação para 62% dos brasileiros, mas denúncias podem ser coadjuvantes. *O Globo*. 31 dez. 17. Disponível em: <

<https://oglobo.globo.com/brasil/corruptao-principal-preocupacao-para-62-dos-brasileiros-mas-denuncias-podem-ser-coadjuvantes-22241432>>. Acesso em: 22 out. 18.

DILMA VANA Rouseff. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dilma-vana-rousseff> >. Acesso em: 29 set. 18.

É a economia de novo, estúpido. *Época*. Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR81174-6013,00.html> >. Acesso em: 12 nov. 18.

Entenda o que são as chamadas "pautas-bombas" do Congresso Nacional. *EBC*. 06 ago. 15. Disponível em: < <http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2015/08/entenda-o-que-sao-chamadas-pautas-bombas-que-podem-ser-votadas-pelo> >. Acesso em: 12 nov. 18.

ESTADO NOVO. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/estado-novo> >. Acesso em: 24 set. 18.

Far-right Bolsonaro rides anti-corruption rage to Brazil presidency. *Reuters*. 28 out. 18. Disponível em: < <https://www.reuters.com/article/us-brazil-election/far-right-bolsonaro-rides-anti-corruption-rage-to-brazil-presidency-idUSKCN1N203K> >. Acesso em: 10 nov. 18.

FERNANDO HENRIQUE Cardoso. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cardoso-fernando-henrique> >. Acesso em: 29 set. 18.

FDR BIOGRAPHY. Disponível em: < <https://fdrlibrary.org/fdr-biography> >. Acesso em: 29 set. 18.

FHC imita Sarney e cria programa de rádio. *Folha de São Paulo*. 29 abr. 95. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/4/29/brasil/41.html> >. Acesso em: 20 set. 18.

Foram criados 1,254 milhão de empregos com carteira em 2005. *Gazeta do Povo*. 18 jan. 06. Disponível em: < <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/foram-criados-1254-milhao-de-empregos-com-carteira-em-2005-9uv3d4qm5u0xyjekz8auinkum/> >. Acesso em: 12 nov. 18.

LUCIANO SEIXAS é cidadão honorário de Brasília. Disponível em: < http://www.cl.df.gov.br/ultimas-noticias/-/asset_publisher/IT0h/content/luciano-seixas-e-cidadao-honorario-de-brasilia >. Acesso em: 10 nov. 18.

Lula é condenado a 9 anos e seis meses; Moro não decreta prisão do petista. *Estadão*. 12 jul. 17. Disponível em: < <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/lula-e-condenado-por-moro-a-9-anos-de-prisao/> >. Acesso em: 24 set. 18.

Lula é reeleito Presidente da República. *GI*. 29 out. 06. Disponível em: < <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1330488-5601,00-LULA+E+REELEITO+PRESIDENTE+DA+REPUBLICA.html> > Acesso em: 12 nov. 18.

Lula se entrega à PF e é preso para cumprir pena por corrupção e lavagem de dinheiro. *GI*. 07 abr. 18. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/lula-se-entrega-a-pf-para-cumprir-pena-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml> >. Acesso em: 14 set. 18.

JOSÉ DIRCEU de Oliveira e Silva. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-dirceu-de-oliveira-e-silva> >. Acesso em: 17 nov. 18.

JOSÉ RIBAMAR Ferreira de Araújo Costa. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-ribamar-ferreira-de-araujo-costa> >. Acesso em: 23 out. 18.

MANIFESTO. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital> >. Acesso em: 12 set. 18.

Moro pede exoneração do cargo de juiz federal para ser ministro do novo governo. *GI*. 16 nov. 18. Disponível em: < <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2018/11/16/presidente-do-trf-4-assina-exoneracao-de-sergio-moro.ghtml> >. Acesso em: 17 nov. 18.

MORO, Sergio F. Considerações sobre a operação Mani Pulite. *Revista CEJ*, Brasília, n. 26, p. 56-62, jul./set. 2004.

O QUE foram, afinal, as Jornadas de Junho de 2013. E no que elas deram. Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram> >. Acesso em: 20 set. 18.

PARA O Cidadão. Disponível em: < <http://www.mpf.mp.br/para-o-cidadao/caso-lava-jato> >. Acesso em: 24 set. 18.

PARTIDO SOCIALISMO e Liberdade (PSOL). Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-socialismo-e-liberdade-psol> >. Acesso em: 19 set. 18.

PERFIL LUIZ Fara Monteiro. Disponível em: < <https://noticias.r7.com/record-news/apresentadores/luiz-fara-monteiro/> >. Acesso em: 10 nov. 18.

PIB cresceu 3,2% e foi de R\$2,1 trilhões em 2005. *Agência IBGE*. 09 nov. 07. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13389-asi-pib-cresceu-32-e-foi-de-r-21-trilhoes-em-2005> >. Acesso em: 12 nov. 18.

PROJETO EDITORIAL 2017. Disponível em: < <http://temas.folha.uol.com.br/projeto-editorial-da-folha/projeto-editorial-2017/introducao.shtml> >. Acesso em: 09 nov. 18.

PT tem até esta terça para indicar substituto de Lula. *Exame*. 10 set. 18. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/brasil/pt-tem-ate-esta-terca-para-indicar-substituto-de-lula/> >. Acesso em: 15 set. 18.

ROBERTO JEFFERSON Monteiro Francisco. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/roberto-jefferson-monteiro-francisco> >. Acesso em: 19 set. 18.

Saiba quem são os 25 réus do mensalão que foram condenados pelo STF. *UOL*. 29 set. 12. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/politica/listas/saiba-quais-reus-do-mensalao-ja-foram-condenados-pelo-stf.htm> >. Acesso em: 17 nov. 18.

Temer deve ter programa de rádio como o antigo Café com o presidente. *Época*. 30 mai. 16. Disponível em: < <https://epoca.globo.com/tempo/expresso/noticia/2016/05/temer-deve-ter-programa-de-radio-nos-moldes-do-antigo-cafe-com-o-presidente.html> >. Acesso em: 20 set. 18.

5.2 Bibliografia

ALBANUS, Adriana P. F. *Cultura Política, política externa e congruência: uma análise sobre os governos Lula (2003-2010)*. 2018. 118f. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BERNSTEIN, S.; MILZA, P. Conclusão. In: CHAVEAU, A.; TÉTART, P. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

- BIANCO, Nélia R. Del. E tudo vai mudar quando o digital chegar. In: FILHO, André Barbosa; PIOVESAN, Angelo; BENETON, Rosana (orgs.). *Rádio - sintonia do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CALABRE, Lia. *O historiador e o rádio: relações em questão*. Trabalho apresentado no NP 06 – Rádio e Mídia Sonora, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005.
- CAREGNATO, Rita C. A.; MUTTI, Regina. Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, dez. 2006.
- CHAIA, Vera. *Jornalismo e política: escândalos e relações de poder na Câmara Municipal de São Paulo*. São Paulo: Hacker, 2004.
- COSTA, Leila M. B. *Governo Lula: retorno ao desenvolvimentismo*. 2015. 200f. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, jul./dez. 2007.
- DANCUR, Eliane C. P. *Café com o presidente: o programa de radiojornalismo com o presidente Lula*. 2009. 240f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.
- DARDE, Vicente William da Silva. *As vozes da AIDS na imprensa: um estudo das fontes de informação dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo*. 2006. 186f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- DEUS, Sandra de F. B. de. *O rádio como espaço de visibilidade política (Governo da Frente Popular em Porto Alegre 1989/1990)*. 2005. 141f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. *Tempo e argumento*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, jan./jun. 2012.
- FAZIO VENGOA, Hugo Antonio. *La historia del tiempo presente: historiografía, problemas y métodos*. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2010.

FERREIRA, Gisele S. N. Sarney, FHC e Lula: 22 anos de "conversas ao pé do rádio" e democracia. In: V Congresso Nacional de História da Mídia, 2007, São Paulo. *Rede Alfredo de Carvalho - V Congresso Nacional de História da Mídia*. São Paulo: Intercom, CIEE, Facasper, Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação, 2007. p. 69-85.

FICO, Carlos. *História do Brasil contemporâneo: da morte de Vargas aos dias atuais*. São Paulo: Contexto, 2015.

GUINDANI, Joel F. *A construção da cidadania na prática da Rádio Terra Livre FM*. 2014. 337f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

INCLÁN, Daniel; VALERO, Aurelia. Reporte del tiempo: presente e historia. *Desacatos*, Cidade do México, n. 55, p. 60-73, set./dez. 2017.

LARANGEIRA, Álvaro Nunes. *Da virtude da fala ao silêncio da palavra: estratégias comunicacionais do PT no caso Mensalão*. Curitiba: UTP, 2012.

LEITE, Paulo Moreira. *A outra história do mensalão: as contradições de um julgamento político*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

LESSA, Antônio C.; COUTO, Leandro F.; FARIAS, Rogério de S. Política externa planejada: os planos plurianuais e a ação internacional do Brasil, de Cardoso a Lula (1995-2008). *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 52, n. 1, p. 89-109, jan./jun. 2009.

MARIA, Joana Araújo. *Mídia e mudança climática: a cobertura de Veja e CartaCapital*. 2012. 160f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

NETO, Antônio Fausto. Discurso político e mídia. In: RUBIM, A. A. Canelas (org.). *Comunicação e Política: Conceitos e abordagens*. Salvador: EDUFBA, 2004.

NUNES, Márcia Vidal. *Rádio e política: do microfone ao palanque: os radialistas políticos em Fortaleza (1982-1996)*. São Paulo: Annablume, 2000.

OLIVEIRA, Luiz A. F. *Getúlio Vargas e o desenvolvimento do rádio no país: um estudo do rádio de 1930 a 1945*. 2006. 209f. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – CPDOC, FGV, Rio de Janeiro, 2006.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

PADRÓS, Enrique S. Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do Tempo Presente. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 199-223, jan./dez. 2004.

PEREIRA, Celina. *Medindo a governabilidade no Brasil: o presidencialismo de coalizão nos governos FHC, Lula e Dilma*. 2017. 88f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

PICHELI, Katia Regina. O discurso de formação da opinião pública: análise de editoriais sobre as denúncias do mensalão. *Estudos de Jornalismo & Relações Públicas*, São Bernardo do Campo, v. 5, n. 9, p. 47-56, jun. 2007.

PINTO, Céli R. J. *Com a palavra o senhor presidente José Sarney: o discurso do plano cruzado*. São Paulo: Hucitec, 1989.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

QUEIROZ, Adolpho Carlos Françoso et al. De Quintino Bocaiúva a Duda Mendonça: breve história dos marqueteiros políticos no Brasil republicano. In: CARDOSO, Paulo Ribeiro; CAIRRÃO, Álvaro Lima. *Comunicação política - Edição especial: Cadernos de estudos midiáticos IV*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

VICENTE, Maximiliano M. *História e comunicação na ordem internacional*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.